

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTU  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE HUMANIDADES DA P  
Setor de Doc. e História Regional  
CAMPINA GRANDE - PB.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

CENTRO DE HUMANIDADES

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA DO BRASIL REPÚBLICA

O SABER COMO ESPETÁCULO - PROGRAMA "O CÉU É O LIMITE" PRODUZIDO  
PELA RÁDIO BORBOREMA NO FINAL DA DÉCADA DE 50 EM CAMPINA GRANDE.

*JDEUSA CELESTINO LOPES*

*Monografia apresentada ao Curso de  
Especialização em História do Brasil  
República, para obtenção do título de  
especialista, sob orientação do Prof. Ms.  
Antônio Clarindo B. de Souza.*

Campina Grande - 1995



Biblioteca Setorial do CDSA. Dezembro de 2022.

Sumé - PB

## AGRADECIMENTOS

Ao encerrar os trabalhos desta monografia, devem ser registrados alguns agradecimentos especiais a todos os que, de forma direta ou indireta, auxiliaram em sua execução.

Ao professor e companheiro Antônio Clarindo, pelo incentivo e orientação desta pesquisa.

Aos entrevistados pela gentileza e boa vontade com que me receberam: Eraldo César, Leonel Medeiros, Amaury Vasconcelos, Edvaldo Silva, Oliveira Oliveiros, Stênio Lopes e José Gomes da Costa.

A Maria da Paz e Joãozinho pela localização dos informantes.

Aos funcionários do Museu Histórico da Cidade pela atenção dispensada.

A Olga Clarindo Lopes.

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	4
APRESENTAÇÃO DO TEMA .....	8
O RÁDIO EM CAMPINA GRANDE E EM PARTICULAR A RÁDIO BORBOREMA .....	20
O PROGRAMA "O CÉU É O LIMITE" .....	38
CONCLUSÃO .....	67
BIBLIOGRAFIA .....	73
ANEXO .....	74

## INTRODUÇÃO

A presente monografia tem como objeto de estudo um programa de rádio apresentado em Campina Grande pela Rádio Borborema no final da década de 50 e que se chamava "O Céu é o Limite".

O principal objetivo é o de resgatar um pouco da sua história. As lembranças de pessoas que vivenciaram esse momento são o meu material principal nessa investigação. Indagando entre <sup>outras</sup> coisas sobre as pessoas que participaram do programa, como funcionava, a receptividade do público ouvinte e os espectadores, entre outros aspectos.

Ao pesquisar sobre o referido programa, informações sobre a cidade e sobre a atuação do rádio foram aflorando, mas não pretendi fazer nenhum tratado sobre a história da cidade ou mesmo do rádio. Apenas tive a intenção de tentar reconstruir a imagem de um acontecimento que mobilizou a cidade durante um certo período.

Os registros escritos existentes se restringiam a poucas informações de jornais da época, mas na lembrança dos que participaram estava cheio de detalhes. As informações muitas vezes coincidiam, mas outras vezes não. E foram nas divergências, principalmente, que o material se enriqueceu.

As informações coletadas através das fontes orais são o material preponderante para a produção deste trabalho. Procurei usá-las no sentido de construir um quadro descritivo geral de como funcionava o referido programa.

Num primeiro momento, ao qual designei de primeira parte, senti a necessidade de situar o leitor sobre a perspectiva metodológica que

utilizei para contar essa história. O programa "O Céu é O Limite" foi produzido pela Rádio Borborema no final dos anos 50, tendo seu início em dezembro de 1957. São quase 38 anos a contar do dia da estréia, 22 de dezembro. É, portanto, um fato que aconteceu, já é passado. Retomo-o, no entanto, não como uma coisa fixa, mas como algo que aconteceu, que foi importante para a cidade e ainda continua sendo relevante para algumas pessoas, por estar vivo ainda na lembrança dos que vivenciaram aquele momento. Ao indagar sobre o programa e escrever sobre ele tenho bem claro que esta é a minha versão do passado, que construí com a colaboração de outras versões - entrevistados e jornais da época. Não há a intenção de resgate do passado tal como aconteceu, mas apenas uma versão, a minha versão, passível de contestação e acréscimos, que sempre serão bem vindos.

Um outro ponto abordado e que considero importante, é sobre a preservação da história da cidade. E ao fazer esse exercício de resgate me senti impotente diante de tanto descaso que o poder público, o jornal e a rádio Borborema demonstram ter pela história da cidade. Como fica demonstrado na parte em que descrevo a dificuldade de localizar as fontes escritas e o estado em que elas se encontram.

Ao trabalhar com a memória, quase que exclusivamente, me vi diante do dilema de definir o objeto que estava trabalhando: seria história oral ou história feita a partir de fontes orais? Este é o outro ponto tratado nesta primeira parte. Ainda dentro dessa discussão sobre memória apresento um exemplo, que confirmei na prática, sobre a seletividade e a parcialidade de informações adquiridas através da oralidade.

Finalizando esta primeira parte apresento de forma sucinta um pouco do surgimento do rádio e em especial da Rádio Borborema em Campina Grande.

A Segunda Parte tem como ponto alto a descrição do programa. A partir das entrevistas elaborei um roteiro de apresentação das etapas que compõem a história do programa. Por exemplo: como eram feitas as inscrições dos candidatos desejosos de participar do programa; quais os critérios usados para escolha dos candidatos; quem e como formulava as perguntas e respostas; quantos chegaram ao final do programa; entre outras indagações.

Concomitantemente a esta descrição achei necessário discutir alguns conceitos como: intelectual, cultura e saber. Uma vez que foram surgindo questionamentos a medida que me aproximava criticamente das informações que colhia sobre o programa.

Uma questão era mais premente do que outras, fazendo-se presente durante todo o processo de pesquisa, que era a seguinte: o programa era mais um espetáculo ou era um programa cultura? Procurava uma resposta única e objetiva, de preferência que se adequasse as minhas perspectivas. No entanto, após a pesquisa me convenci de que a diversidade enriquece ainda mais um acontecimento.

Apesar de poder me apropriar de um discurso que referendasse o pré-conceito que eu havia formulado sobre o caráter do programa "O Céu é o Limite" ele não mais me satisfazia.

Ao invés de tentar provar a minha teoria, de que o programa era o espetáculo pelo espetáculo, me senti feliz ao perceber que as pessoas que participaram direta ou indiretamente do programa perceberam de

forma diferente o objetivo que ele pretendia alcançar. Apesar da produção concebê-lo de uma forma, os ouvintes e participantes tinham outra percepção. Negar essa dimensão era negar a participação que tiveram na construção do programa. Foi mais gratificante aceitar a existência de discursos divergentes do que tentar adequar a realidade dentro de uma imagem pré-fabricada.

Na conclusão trago algumas considerações pessoais sobre como se deu o processo da escolha do tema; e o interesse como ponto chave para o desenvolvimento de qualquer atividade seja ela intelectual ou não.

## APRESENTAÇÃO DO TEMA

O presente trabalho tem como objetivo principal tentar resgatar, através de fontes orais e escritas, informações sobre um programa de rádio que existiu em Campina Grande no final da década de 50 e que se chamava "O Céu é o Limite".

*55223 Tal*  
 Ressalto, no entanto, que não é possível apresentá-lo tal como ocorreu, apesar de ser uma tentação achar que é isso o que vai ser feito. Isto é impossível, já foi-se o tempo que ao pesquisador era atribuído o dom de caçador e revelador do passado tal como ele existiu. P. Thompson cita no seu livro "A voz do Passado" um trecho de Michelet que considero ao mesmo tempo poético e sintetizador dessa imagem de pesquisador.

*55223 Tal*  
 ...Estes papéis e pergaminhos, há tanto tempo abandonados, nada mais desejavam do que ser restituídos à luz do dia: pois não são papéis, mas sim vidas de homens, de províncias e de nações (...) Todos viviam e falavam, e rodeavam o autor numa multidão (...) A medida que soprava seu pó, eu os via levantar-se. Erguiam-se do sepulcro, um, a cabeça, o outro, a mão, como no Juízo final de Michelangelo, ou na Dança da Morte. Esta dança galvânica que realizaram à minha volta foi o que pretendi reproduzir nesta obra. (Thompson, Paul, 1935 pag. 75).

*Na verdade esta ideia é de Michelet*

Diferentemente de Paul Thompson, Jacques Le Goff no seu livro História e Memória caracteriza o passado não como algo adormecido e que o

historiador apenas seria um intermediador entre o passado e o presente  
mas,

"o passado é uma construção e uma reinterpretação  
constante e tem um futuro que é parte integrante e signi-  
ficativa da história". Golf, Jacques Le, (1924, Pag. 24)

Parto, no entanto, da premissa que esta será apenas a minha ver-  
são do passado. A versão que eu construirei com a colaboração de ou-  
tras versões como as das entrevistas feitas com pessoas que vivencia-  
ram o programa na época; com alguns espectadores; e também através de  
reportagens veiculadas sobre o programa pela imprensa da época. Estas  
informações, que não são a verdade em si, serão narradas por mim e  
acrescidas da forma como vejo as coisas, como as observo, como as des-  
crevo, como as interpreto. Portanto, a forma como apresento este aconte-  
cimento é única e é minha, agradará a alguns, a outros não e para  
outros, parecerá irrelevante.

A minha preocupação maior não é com a aprovação ou não da forma  
como vou tentar apresentar este relato, mas tentar elaborar uma visão  
sobre um pedacinho da história desta cidade, colando as poucas infor-  
mações que obtive através de um jornal da época e os relatos de pes-  
soas que tiveram a boa vontade de conversar sobre este período e so-  
bre este assunto.

Retomo o passado não como uma coisa fixa, mas como algo que aconte-  
teceu, que foi importante para algumas pessoas e que hoje faz parte da  
lembrança quase que exclusivamente dos que viveram naquele período.  
Vale salientar que o descaso com a memória, de um modo geral, no nosso  
país ainda é muito grande. Tanto a nível de preservação do documento

escrito como também da fala dos nossos velhos. Só para citar um exemplo do qual fui vítima: o Jornal Diário da Borborema está ligado a Rádio Borborema, quer dizer, são partes de um mesmo complexo. Pois bem, em Campina Grande encontrei uns poucos números do referido jornal em poder do Museu Municipal (que atualmente está fechado por falta de condições financeiras - setembro/1995). A minha pesquisa estava delimitada pelos anos de 1957 a 1959 e destes dois anos de publicação, quase diária, eu tive acesso a pouco mais de 50 exemplares. Infelizmente, o jornal era uma peça fundamental para o desenvolvimento do trabalho.

Fui em Janeiro deste ano (1995) ao prédio administrativo do Jornal procurar informações de como poderia ter acesso aos exemplares daquele período; um funcionário me deu a indicação de eles estavam encadernando os periódicos e que não seria possível o acesso. Sete meses depois, Agosto, retorno ao Jornal e recebo a mesma explicação.

Na Rádio Borborema foi ainda pior. Disseram-me logo de cara que não havia registro de nada; segundo informações que me foram passadas posteriormente, alguns "administradores" venderam, no quilo, todo o material, que fazia referência ao passado da emissora, incluindo rolos de gravações, fotos, scripts. Na fala emocionada de um dos entrevistados temos o seguinte desabafo:

*"(...) eu vi com um pouco de tristeza o que restou da história do Diário da Borborema que está lá no Alto Branco naquelas (...) onde está o antigo transmissor da Rádio Borborema; o Diário da Borborema foi encadernado me parece que de três em três meses. E eles faziam encader-*

nação do tamanho do diário é claro e esses... todas essas edições a partir da inauguração do diário estão lá, sendo corroidas pelo tempo, pela água; eu tenho um desgosto muito grande porque ali está a história de Campina Grande escrita, né? Pessoas famosas, escritores notáveis e o dia a dia da nossa cidade. Então, é uma fonte incrível para pesquisa, são esses álbuns que existem em poder ainda da direção dos associados em Campina Grande.... Porque eu estive lá, tem muita goteira caindo em cima, se rasgando, o mofo tomando conta, realmente é uma tristeza ... O novo diretor associado de Campina Grande até que me prometeu que ia tomar providências para que isso também não acabasse, já que o que restou da rádio Borborema é muito pouco, hoje algumas pessoas que participaram da história - eu participei dessa história - mas o tempo vai acabando com tudo, então meu, né? Nos tempos apenas o arquivo na cidade e a mídia difícil a gente guardar toda essa história que levou tanto tempo". (Eduardo Cesar)

O descaso com a memória não é de hoje, nem está ligado unicamente a uma política governamental menos interessada com a preservação do passado. É algo muito mais denso. Há um discurso e quase um ditado popular que diz "que o brasileiro não tem memória". Ouço isto desde quando era menina e assistia um programa de televisão que era comandado pelo Flávio Cavalcante, e ele repetia esse clichê à exaustão. Tantos anos se passaram e a afirmativa se repete. Por que será que nós não nos preocupamos com o passado? Realmente não nos preocupamos?

Ao fazer as entrevistas com pessoas que participaram do programa efetivamente ou que viveram na época, senti que eles manifestavam um desejo de recuperar de alguma forma o passado, pode ter sido apenas uma reação nostálgica com relação a um período que eles viveram. Mas o que efetivamente eles poderiam fazer para resguardar a sua história? A história de cada um é importante e uns estão inseridos na história do outro. Quer dizer, aparentemente é um material sem fim e nem começo, uma história está dentro da outra. A meu ver os historiadores deste país tem uma grande dívida para com o resgate da nossa memória. Principalmente os que estão dentro da academia, que por vezes se omitem diante da construção e desconstrução da nossa história.

Desde o advento do regime militar um jargão passou a justificar todas as mazelas das nossas vidas: a culpa é do governo que não faz nada. Agora, neste período que estamos vivendo, o Estado constrói a sua resposta: não dispomos de verbas para estes projetos. Diante desta e da justificativa anterior quase todos se calam, e continuamos sendo um país sem memória.

Não tenho a pretensão de com esse material resgatar toda a história do rádio em Campina Grande, nem a história de vida de todos os seus participantes, mas apenas deixar registrado um momento considerado por mim e por mais algumas pessoas, como significativo. Tento trazer à tona, com esse exercício, lembranças de uma época, de um acontecimento que fez parte da vida da cidade, tanto dos que foram assistir ao programa ao vivo, dos ouvintes ao redor do rádio (que não devia ser de fácil acesso como é hoje em dia), dos participantes diretos, enfim, /dos campinenses que de uma forma ou de outra vivenciaram aquela época.

Um problema que surgiu após ter coletado o material de pesquisa foi o de como defini-lo, uma vez que o mesmo era quase que exclusivamente constituído de entrevistas.

Joan del Alcàzar i Garrido em artigo na Revista Brasileira de História 25/26, apresenta com muita clareza o uso de fontes orais na tentativa de escrever "outro tipo de história" conjuntamente com documentação escrita, "podemos construir um discurso de interpretação histórica mais completo, mais rico e complexo." . No meu caso se deu exatamente isso, parti de registros num jornal sobre o programa e a partir daí as entrevistas foram adicionando elementos que não tive acesso pelo jornal e detalhes que com certeza não encontraria num noticiário jornalístico.

Assim como os documentos, as fontes orais também exigem "como qualquer outro tipo de fonte, uma aproximação crítica". Isto não quer dizer que devemos partir do pressuposto apriorístico de que o informante possa estar falseando a verdade, até porque este conceito esteja sofrendo sérios abalos em virtude de se questionar o que é a verdade?

A preocupação atual do investigador não é exclusivamente com uma verdade, mas com os discursos que as pessoas elaboram sobre uma época que viveu, sendo os mesmos portanto passíveis de seletividade e parcialidade.

Durante todo o meu trabalho uma questão foi recorrente como demonstrativo "dessa fragilidade da memória humana" que é a participação ou não do, hoje Senador, Ronaldo Cunha Lima no programa "O Céu é o Limite" na Rádio Borborema. Afirmo que ele participou tendo como certo o

registro no jornal Diário da Borborema do dia 18 de abril de 1958. Mas nas entrevistas as opiniões são divergentes, uns são categóricos em afirmar que ele participa e que leva o prêmio máximo, outros põem em dúvida a sua participação, um outro testemunho é a de que participou mas desistiu alegando motivos pessoais. Quer dizer, não se pode afirmar que essas pessoas estejam mentindo ou falseando a verdade. Mas é o que elas guardaram deste episódio, avalio que em virtude também desse candidato ter participado em dois outros momentos de programas de perguntas e respostas já na televisão.

Na primeira participação a sua atuação foi restringida pelo fato de ser considerado pelos que controlavam "politicamente" o país, os militares, que Ronaldo Cunha Lima era uma pessoa "nom<sup>al</sup> grata" para o regime, uma vez que tinha sido cassado o seu mandato político e que o mesmo estivesse se exibindo num programa de televisão. Num segundo momento já no período da nossa história denominado de "redemocratização", no ano de 1985, Ronaldo Cunha Lima volta a televisão para quase que dar continuidade ao programa do qual foi retirado arbitrariamente. Desta vez termina a sua exibição com glória e louvor, alcançando o prêmio máximo em dinheiro e creio que de popularidade também, pois segundo algumas pessoas Campina Grande parava para assistir o seu desempenho. Então, o desencontro das informações pode estar no fato desse candidato ter participado em momentos diferentes, sempre com o mesmo tema "Vida e Obra de Augusto dos Anjos", de programas com as mesmas características do produzido pela Rádio Borborema. Mas em nenhum momento posso afirmar que os testemunho dos entrevistados eram

falso, mas é o que cada um selecionou para ser guardado na memória pelos mais variados motivos que nem eles mesmos sabem o por quê.

O RÁDIO EM CAMPINA GRANDE E EM PARTICULAR A  
RÁDIO BORBOREMA

Antes de discorrer sobre o programa como algo acontecido, faz-se necessário falar do surgimento do rádio em Campina Grande. O rádio surge aqui no final da década de 40 com a inauguração da Rádio Cariri aos 13 de maio de 49 e da Borborema em dezembro do mesmo ano.

Segundo José Araújo <sup>→ Lira?</sup> na sua monografia sobre "A Era de Ouro da Rádio", o primeiro serviço de som instalado no município data de 1937 quando o Sr. Jovelino Farias, o "Gaúcho", "instala na Marquês do Herival seu serviço de Alto Falante" (1). Ainda segundo o referido autor :

---

1Araújo, Jose. A Era de Ouro

???

"Outro serviço de Alto-falante que marcou época nos anos 40 foi a "Voz de Campina Grande", instalada no Edifício Esial, na Praça da Bandeira, pertencente ao Sr. José Jataí, que, em 1949, iria fundar a Rádio Cariri" (2).<sup>o?</sup>

A Rádio Borborema foi instalada aqui em Campina Grande no dia 08 de dezembro de 1949, existindo até hoje. Ela fazia parte do chamado Diários Associados, um grupo que dominava a radiodifusão no Brasil neste período, comandada <sup>pelo paraibano</sup> por Assis Chateaubriant (paraibano).

A Rádio Borborema estava inserida nesta teia que <sup>eram</sup> são os Associados. Aqui não nos compete discorrer sobre a referida rede de associados, mas apenas registrar o fato de que ela teve um papel ativo no desenvolvimento do rádio. Se isto foi bom ou ruim já é uma outra história. A instalação da Rádio Borborema em Campina Grande dá um impulso ao rádio e de certa forma concorre para que as radioamadoras que surgem como a do "Gaúcho", por exemplo, sejam incorporadas pela associada.

Desde a sua instalação a Rádio Borborema passa a dominar todo o complexo da Borborema tanto em decorrência da potência da sua aparelhagem como quanto a programação exibida. Segundo o Sr. Eraldo César, antigo produtor da Rádio Borborema, não havia diferença entre um programa feito em Campina Grande e em São Paulo, guardada as devidas proporções. O Casting era de primeira qualidade, os programas eram todos produzidos, feitos ao vivo e devido pertencer aos associados tinha um leque de opções variadas com relação a cantores, apoio técnico, e outras estruturas.

Na fala desse produtor a influência dos Associados fica bem mais elucidativa:

*"(...) eu poderia começar falando da antiga rede associada que existia de norte a sul do país, era comum naquele tempo nos anos 50, 60, 70, determinados programas que eram apresentados no sul na Rádio Tupi, por exemplo, esses programas eram também apresentados em determinadas emissoras, a Rádio Borborema que foi uma emissora padrão aqui em Campina Grande possuía na época de ouro do rádio um casting extraordinário, uma emissora que tinha seu corpo de rádioteatro, nós apresentávamos novelas quando a televisão não tinha essa influência que tem hoje, nós tínhamos um corpo de comediantes, a emissora tinha uma orquestra própria e um regional. Então, nós fazíamos tudo o que grandes emissoras podiam fazer lá no sul e o "O Céu é o Limite" é um programa que foi criado na Rádio Tupi do Rio de Janeiro(...)"*  
*(Eraldo César).*

Pelo que dá pra perceber a Rádio estava inserida dentro de um padrão definido pelos Associados, fazia-se aqui também o que era feito no Rio de Janeiro, por exemplo, e havia também o regional caracterizado pela orquestra que tocava musicais regionais e cantadores de viola já eram incorporados ao rádio.

O programa "O Céu é o Limite" era produzido e transmitido pela Rádio Borborema, apresentando toda uma estrutura importada pelo que se percebe pela chamada feita pelo jornal local Diário da Borborema, também filiado aos associados,

*"O Céu é o Limite" agora na Rádio Borborema a partir do dia 22 de dezembro próximo na emissora associada, mais famoso*

programa do rádio e televisão um prêmio de até trezentos e cinquenta mil cruzeiros. (...) É esta sem dúvida a mais importante notícia radiofônica dos últimos tempos em Campina Grande, devendo a exemplo do que vem acontecendo em todo o mundo, despertar o mais vivo interesse por parte do nosso público." (grifo meu) (Jornal Diário da Borborema, 26/11/1957).

As duas últimas linhas desta chamada são para mim muito ilustrativas no que se refere a imposição de um estilo de sucesso, principalmente o uso do verbo no gerúndio "devendo", que me parece ser uma ameaça ou desejo velado de que tem que dar certo aqui também porque tem dado no resto <sup>do</sup> mundo, quer dizer, não é só apenas no Brasil. Pois este tipo de programa havia surgido inicialmente nos Estados Unidos.

A fala do Sr. Eraldo César reforça esta tese:

"O Céu é o Limite" que tinha a (...) a mesma filosofia né? O mesmo padrão daquele que era apresentado no sul foi apresentado aqui (...)" (Eraldo César).

O programa "O Céu é o Limite", portanto, não é uma criação da equipe da Rádio Borborema. Ao produzir o programa, a rádio, segue um padrão já estabelecido por outras emissoras ligadas <sup>ao</sup> à associado?

A partir da apresentação da estrutura propriamente dita do programa é que tentarei enveredar para uma abordagem mais teórica sobre determinados aspectos que me chamaram atenção tais como: o que as pessoas envolvidas, direta ou indiretamente com o programa, entendiam por: ser intelectual, saber e cultura.

## O PROGRAMA "O CÉU É O LIMITE"

### O PROGRAMA EM CAMPINA GRANDE

O "O Céu é o Limite" <sup>era</sup> é um programa de perguntas e respostas sobre os mais variados assuntos, produzido em Campina Grande no final do ano de 1957 pela Rádio Borborema. Mas antes de apresentar o programa em si acho interessante procurar saber de quem partiu a idéia de fazê-lo aqui.

O ideal é que eu tivesse uma resposta para esta questão como para tantas outras, mas não é assim. O material que consegui coletar é múltiplo e facetado. Disponho apenas de alguns fragmentos de notícias veiculadas pelo Diário da Borborema e de algumas entrevistas de pessoas que participaram do programa na época. Sendo as entrevistas, em comparação com as notícias dos jornais, mais representativas, em virtude da quantidade e da qualidade de informações.

No Jornal Diário da Borborema há alguns indícios, senão vejamos:

"(...)Esta iniciativa vem despertando os mais justos interesses no seio da população esperando-se a concorrência de grande número de intelectuais como vem acontecendo nas cidades onde as emissoras "associadas" levam a efeito aquele programa." (D.B. 26/11/57).

Um ponto que se pode aferir de imediato é que a instalação do programa aqui em Campina Grande está ligada ao fato da Rádio Borborema pertencer ao grupo dos Diários Associados. Isto é, havia uma espécie de contrato entre a empresa que patrocinava o programa e os Diários Associados.

Na entrevista realizada com um dos produtores da rádio o mesmo reforça esta ligação:

*FAÇA REPETIR*

"Eu poderia começar falando da antiga rede associada que existia de norte a sul do país, era comum naquele tempo nos anos 50, 60, 70, determinados programas que eram apresentados no sul, na Rádio Tupi, por exemplo, esses programas eram também apresentados em determinadas emissoras. A Rádio Borborema que foi uma emissora padrão aqui em Campina Grande possuía na época de ouro do rádio um casting extraordinário (...) [Então, nós fazíamos tudo o que grandes emissoras podiam fazer lá no Sul e o "O Céu é o Limite" é um programa... um programa que foi criado na Rádio Tupi do Rio de Janeiro e era comandado pelo J. Silvestre." ]

(Eraldo César)

*Poderia ser citado só esta parte*

Um outro entrevistado, no entanto, apresenta outra possibilidade:

"Eu creio que a procura foi da própria Aerovias-Brasil, mas isso eu não posso afirmar, não sei se teria participado da procura para a realização desse programa." *Stênio Lopes*

Nesta mesma data o entrevistado aponta para a independência total da Rádio na realização do programa.

"(...)era direto, ligação daqui da Rádio Borborema com a Aerovias- Brasil e recebia o dinheiro do programa e pronto."

(Stênio) *Lopes*

Aparentemente não há uma relação de subordinação entre a direção dos Associados e a Rádio Borborema. Particularmente, penso que é difícil que não tenha havido algum tipo de submissão dos membros à Direção dos Diários Associados dentro da radiofonia daquela época.

Havia uma direção centrada na figura de Assis Chateaubriant, tanto é que os Diários Associados praticamente desaparecem depois da sua morte.

Bem, temos duas versões sobre como o programa passa a ser produzido aqui em Campina Grande. Uma que teria partido da própria empresa patrocinadora e outra de que é a partir da ligação que havia entre a Rádio Borborema e os Diários Associados. Como não estamos procurando "a verdade" e o propósito maior deste trabalho é tentar <sup>itiner</sup>reconstruir o passado a partir das falas das pessoas que participaram diretamente dessa história ficam as duas versões em aberto, até que surjam novos elementos que enriqueçam estes paralelos.

Um fato inquestionável é que o programa passa a ser produzido aqui, mas por que em Campina Grande? Novamente um ponto muito rico em termos de respostas diversificadas. Para o Jornal Diário da Borborema é a importância de Campina Grande como pólo comercial que desperta o interesse.

"Considerando a importância de Campina Grande, cidade que se tem projetado em todo o Brasil como um grande núcleo comercial e onde já se constata por outro lado um crescente interesse pelos problemas de ordem cultural, os Consórcio Real Aerovias-Aeronorte, ao resolver patrocinar o programa "O Céu é o Limite" (...). (D.B. 24/12/57).

Um ouvinte do programa reforça essa tendência com o seguinte discurso:

"porque na realidade Campina Grande é uma das cidades mais importantes do interior do Nordeste. Não é por acaso que ela ocupa uma posição de destaque, uma cidade do interior chegar a

ter duas universidades, no Brasil só há outra cidade que tem sede da Federação das Indústrias no interior, é uma cidade no interior de São Paulo. Uma cidade toda cheia de orgulho, de vaidade e de iniciativas arrojadas." (Oliveira Oliveiros)

Um outro depoimento bastante significativo é do Sr. José Stênio Lopes que participou diretamente da instalação do programa aqui. Ele não reforça este discurso da cidade desenvolvida, e até mesmo questiona o porquê do programa vir para cá.

"Esse programa era apresentado em várias capitais. Eu não sei dizer exatamente quais, ele era bem conhecido já, e tanto que foi uma surpresa ele ser criado em Campina Grande, uma vez que na cidade não havia um público alvo muito importante para a Aerovias-Brasil. O nosso aeroporto... as linhas aéreas aqui em Campina Grande sempre foram muito...eu diria frágeis. Então, foi uma surpresa como a Aerovias se interessou pela instalação do programa aqui em Campina Grande." (Stênio).

A construção de discursos que enaltecem a cidade, no entanto, não devem bastar como a única explicação para o fato de Campina Grande montar um programa como este, provavelmente, devem ter havido outros interesses além do já explicitado pela fala das duas primeiras fontes. Mais uma vez temos um ponto em aberto, não consegui elementos que me possibilitassem problematizar com maior rigor este aparente enigma. Até porque neste momento este ponto não é relevante para a minha pesquisa. Levantei-o apenas como um elemento passível de questionamento.

ok. ótimo!

## DESPERTANDO INTERESSE

A primeira notícia que colhi sobre o programa "Ó Céu é o Limite" no Jornal Diário da Borborema é datada de 26 de novembro de 1957, com a seguinte chamada:

*"O Céu é o Limite" agora na Rádio Borborema a partir do dia 22 de dezembro próximo na emissora associada mais famoso programa do rádio e televisão um prêmio até trezentos e cinquenta mil cruzeiros. (D.B. 26/11/1957)*

No corpo da reportagem o jornal se reporta às informações já veiculadas em edições anteriores sobre o referido assunto. Infelizmente não tive acesso a essa documentação por motivos já apresentados. A notícia vem com um tom informativo e ao mesmo tempo de marketing, pois o rádio e o jornal são do mesmo grupo. O jornal apresenta a notícia e faz a propaganda ao mesmo tempo, tentando despertar nas pessoas o interesse pelo programa.

*"(...)A rádio Borborema lançará dentro em breve, o já famoso programa de rádio e televisão "O Céu é o Limite" (...) É esta sem dúvida a mais importante notícia radiofônica dos últimos tempos em Campina Grande, devendo a exemplo do que vem acontecendo em todo o mundo, despertar o mais vivo interesse por parte do nosso público (...) Esta iniciativa vem despertando os mais justos interesses no seio da população (...)" (D.B. 26/11/1957).*

## O PATROCINADOR: FIRMANDO O CONTRATO

Na mesma reportagem há um tópico intitulado "firmando o contrato", que diz o seguinte:

*"A direção da Rádio Borborema foi notificada por carta através do Sr. Paulo Rufino de Araújo, gerente da agência do "Consórcio Real-Aerovias-Aeronorte-Nacional", do contrato firmado entre a Ázaso Publicidade" empresa publicitária encarregada da propaganda daquele consórcio em todo o país" (26/11/1957)..*

Neste ponto temos um elemento que deve ser destacado que é a empresa que vai patrocinar o evento, no caso o Consórcio Real-Aerovias-Aeronorte-Nacional. Um dos entrevistados tem uma fala bastante significativa com relação as empresas aéreas na época. O entrevistado, no entanto, apresenta a empresa com o nome de Aerovias-Brasil e os jornais por seu lado nomeia de Real-Aerovias-Aeronorte-Nacional. Talvez seja citada pelo informante como era chamada popularmente ou houve um lapso de memória no qual o mesmo renomeia a partir das lembranças que guardou.

*(...)companhia, queria tornasse uma companhia simpática, uma companhia querida, porque na época havia uma companhia americana aqui no Brasil chamada PANAIR do Brasil, era uma espécie de VARIG hoje, né? PANAIR do Brasil dominava sobretudo setores de transporte aéreos no Brasil. A Aerovias era uma companhia nascente e a PANAIR dizia que a Aerovias comprava uns aviões velhos da VARIG, que não era nada disso, a Aerovias era uma companhia forte, comprava aviões novos diretamente dos Estados Unidos e então a Aerovias queria torna-se uma companhia querida da população, que o nome Aerovias fosse um nome querido como o nome VARIG geralmente é um nome querido, né? (...) Na época era interessante porque a VARIG não tinha a importância que tem hoje, havia várias companhias de aviação e Aerovias-Brasil tinha quase um controle muito grande sobre a parte Norte do país. Era*

uma empresa brasileira e com muita vontade de progredir. Então, foi a Aerovias, eu creio que... depois ela foi encampada pela VARIG, que contratou este programa(...) (Stênio).

A empresa patrocinadora do evento pagaria um prêmio de Cr\$ 350.000,00 (trezentos e cinquenta mil cruzeiros) aos finalistas do programa. O mesmo era dividido em 24 programas. A quantia concedida aos candidatos daqui eram idêntica a de outros programa como os de Belém, Fortaleza, Curitiba e Florianópolis. Esta informação é dada pelo jornal, no entanto, não fica claro se essas capitais estavam realizando o programa concomitantemente e se eram só esses lugares onde o programa estava sendo realizado.

Aos 15 de dezembro, domingo, de 1957, o Jornal Diário da Borborema faz uma pequena chamada para o programa.

#### O "O CÉU É O LIMITE" NA RÁDIO BORBOREMA.

Ganhe um prêmio de trezentos e cinquenta mil cruzeiros inscrevendo-se para o programa de perguntas e respostas "O Céu é o Limite" na Rádio Borborema.

Você poderá escolher qualquer matéria, serão 24 programas e uma vez por semana dando-lhe tempo para rever o seu assunto.

Em cada programa você terá o direito de ficar com o prêmio já ganho no anterior ou prosseguir para obter novo prêmio. Se, por acaso, não acertar a pergunta do programa não sairá perdendo: receberá um prêmio de consolação. (D.B. 15/12/1957)

#### A PRIMEIRA TRANSMISSÃO

O programa já tinha data marcada para começar: 22 de dezembro de 1957. Segunda-feira, às 20 horas e 30 min. no auditório da Rádio Borborema que era instalado ...

"(...) ali no edifício São Luiz onde hoje tem o calçadão da Cardoso Vieira, aquele edifício tem uma farmácia na esquina, farmácia Calçadão. O auditório da rádio Borborema funcionava no segundo andar daquele edifício e era uma festa noturna (...)"  
(Eraldo César).

"O Céu é o Limite" era um programa de auditório, transmitido ao vivo pela Rádio Borborema. As pessoas podiam ouvir em casa através do rádio, podiam se dirigir ao auditório da emissora onde compravam ingresso para assisti-lo ou ainda podiam vir

"(...) para a Praça da Bandeira, onde é hoje... onde era o edifício Ariús, onde hoje é a Casa do Colegial e ali ficavam os alto-falantes e o povo se postava ali a aplaudir, a bater palma."  
(Amaury Vasconcelos).

As portas da emissora finalmente se abrem e o acesso ao auditório é permitido, <sup>A</sup> as cortinas são abertas e é dado o primeiro "Boa Noite!" do apresentador e mestre de cerimônia Hilton Mota, dando início assim a primeira transmissão do programa "O Céu é o Limite" em Campina Grande.

O jornal Diário da Borborema, na edição do dia seguinte, trás uma matéria extensa sobre a noite de gala da Rádio Borborema. A cobertura jornalística no entanto resvala mais para a apresentação da empresa patrocinadora do que propriamente dos participantes do programa. Há um convite insistente aos "intelectuais da terra" para que participem do

programa concorrendo assim para o futuro sucesso do mesmo e, principalmente, para a difusão da cultura.

É registrado ainda a presença do Sr. Eduardo Pires de Campos, representando o Sr. Linneu Gomes, Presidente do Consórcio Real Aerovias-Aero-Norte; dos Srs. gerentes do aeroporto do Recife, o Sr. Amauri Barbosa e Paulo Rufino de Araújo, gerente em Campina. A reportagem usa uma linguagem eufórica com o objetivo provavelmente de despertar o interesse do público para o desenrolar do novo programa.

Neste momento gostaria de fazer algumas considerações sobre o conceito de intelectual e cultura a partir da chamada feita pelo jornal. "O Céu é o Limite" é um programa muito específico, *no qual* onde é exigido para participar pessoas conhecedoras de um determinado assunto e que saibam responder questões feitas sobre o mesmo. Mas ao fazer o convite aos intelectuais, *pressupõe-se* que intelectual é aquele que adquire conhecimento nos livros, o saber popular, isto é, apreendido na prática, na lavoura, na terra, em outro ofício qualquer não é cogitado. O saber que vai ser argüido é o erudito, que está nos livros e não na vida cotidiana das pessoas. Quem não domina as técnicas de leitura e escrita não ~~são~~ *são* intelectuais, mas analfabetos e portanto, nada sabem. O conhecimento de domínio de uma minoria será partilhado com os que "nada sabem". Esta suposta socialização do saber é definida como sendo um momento de "difusão da cultura".

Mas o que é cultura? José Luiz dos Santos apresenta uma definição ampla ao definir cultura "como todas as maneira de existência humana". Quer dizer, tudo o que o homem construiu/produziu/criou em toda a sua história é cultura. É um produto cultural e ao mesmo tempo social,

*colocação de onde?*

está inserido sempre dentro de um contexto social, de como os homens se relacionam entre si para construir e reconstruir elementos que permitam um maior domínio da natureza. Dentro desta definição o programa é difusor de cultura, mas apenas do que está escrito, do que foi registrado como documento. O conhecimento que extrapola essas regras ou não é considerado como cultura ou então fica restrito ao conceito vago de cultura popular, existe mas não se deve dar muita relevância para a mesma. O programa "O Céu é o Limite seguia o primeiro paradigma, o de cultura como o que está registrado nos livros.

#### A LÍDER DE AUDIÊNCIA *(colocar em requito)*

Na época da transmissão desse programa a Rádio Borborema já tinha 8 anos de existência. Ela havia sido inaugurada no dia 8 de dezembro de 1949. Na cidade haviam duas outras rádios a Cariri e a Caturité. Mas segundo os entrevistados, nisso há unanimidade, a Rádio Borborema era líder de audiência. Vejamos um dos comentários.

"O auditório sempre estava cheio né? A Borborema era líder de audiência naquele tempo, o auditório superlotava prá assistir o desempenho dos candidatos, quanto a isso aí eu não tenho a menor dúvida, eu me lembro como se fosse hoje: o auditório tinha 455 cadeira e chegava a vender 600 ingressos. As pessoas ficavam pelas laterais do auditório prá assistir o programa, não era só

porque era "O Céu é o Limite" não, porque toda a programação da Rádio Borborema era esmerada (...) (Eraldo César).

A Rádio Borborema sendo uma Associada era beneficiada pelo intercâmbio que existia entre os membros Associados. Se apresentaram nos seus estúdios artistas de renome nacional e internacional, como também recebia as novelas produzidas pela Tupi, que era uma das grandes emissoras do país. Além dessa interação com o que se fazia no restante do país, principalmente no sul, havia também um desenvolvimento do artista da terra, possuindo na época

"(...) um casting extraordinário, uma emissora que tinha seu corpo de radioteatro, nós apresentávamos novelas quando a televisão não tinha essa influência que tem hoje, nós tínhamos um corpo de comediantes, a emissora tinha uma orquestra própria e um regional." (Eraldo César).

Um dos atrativos para que este programa fosse instalado aqui provavelmente tem a ver com a audiência que a Rádio conseguiu fazer ao longo da sua existência, pois, dificilmente um patrocinador se interessaria em patrocinar um programa numa emissora que tivesse uma audiência mínima. A fala de um outro entrevistado reforça essa imagem dinâmica da rádio.

"A Rádio Borborema de Campina Grande, que era uma rádio de grande influência na época e de penetração na radiofonia nordestina e tinha um casting maravilhoso, era uma rádio que se notabilizava pelos seus programas de crônicas, principalmente de novelas, o chamado teatro-cego; e então era uma rádio ouvidíssima, uma audiência fantástica e tinha uma penetração

*Repetição*

*TIPO  
MA  
CITADO*

tecnicamente de... grande alcance. Chegava a ser ouvida em Fortaleza, chegava a ser ouvida até às vezes no Piauí. Enfim, era uma rádio onde tinha uma audiência sempre magnífica. Os grandes shows, com os grandes artistas no auditório da Borborema, os programas de casting local, de canto, música, enfim, era uma rádio ... e que este programa deu a ela uma maior e mais significativa plenitude de reconhecimento deste público".

(Amaury Vasconcelos)

#### COMO PARTICIPAR: INSCRIÇÃO DE TEMAS

Para participar do programa era necessário fazer uma inscrição prévia. O futuro candidato apresentava o tema que pretendia defender. A escolha do tema era livre, não havia por parte da emissora nenhum tipo de restrição. Isto não quer dizer que o tema inscrito fosse necessariamente aceito pela produção do programa. Havia um critério básico para a escolha de um tema: que ele fosse interessante. A pessoa desejosa de participar fazia, então, a inscrição e ficava aguardando um possível contato da emissora, que seria feito através de carta.

O prêmio total, quer dizer, o limite, apesar de ser bastante convidativo (trezentos e cinquenta mil cruzeiros) não levou a uma aglomeração muito grande de pessoas interessadas de participar do programa. Segundo informação do redator

"sempre havia um número razoável de pessoas, não era muito grande não, vamos dizer uma meia dúzia de pessoas desejosas de falar sobre tal assunto." (Stênio Lopes).

Além do prêmio máximo havia outras formas de sair ganhando do programa. Havia o prêmio de consolação que era de vinte e dois mil cruzeiros para quem estivesse participando e fosse eliminado. O prêmio era também cumulativo, quer dizer, a cada programa o candidato adquiria o direito sobre determinada quantia que tinha como teto máximo trezentos e cinquenta mil cruzeiros. Caso o candidato resolvesse desistir de permanecer no programa ele levava o montante que estava acumulado. Dessa forma o participante não saía em termos financeiros sem nada, havendo inclusive o chamado prêmio de participação ou "consolação".

O convite para que as pessoas participassem do programa era feito como já vimos através dos jornais e, possivelmente, com maior ênfase na rádio. Havendo, nesta, provavelmente, uma cobertura bem ampla com relação a divulgação do programa.

Então por que o número de inscritos <sup>é</sup> ~~é~~ pequeno? Uma das explicações dadas se fundamenta em algumas qualidades que o candidato <sup>deveria</sup> ~~teria~~ de ter: entre elas conhecer bem o assunto que escolhesse e ter boa memória. Além desses dois pontos havia um outro, que poderia ser caracterizado como sendo um aspecto social, isto é, as pessoas, de um modo geral, não gostam de, como se diz comumente, "fazer feio" e a característica principal do programa era a exigência de que o candidato conhecesse o assunto para que pudesse responder satisfatoriamente as perguntas formuladas. Provavelmente, ninguém queria ser derrotado logo na primeira participação. O receio de se expor publicamente talvez tenha restringido, assim, o público interessado em participar do programa.

## CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DOS CANDIDATOS

A escolha dos temas, como já frisei anteriormente, tinha como critério básico ser interessante. Mas interessante para quem? Para quê? Este é um dos pontos instigantes do programa. Além de um tema "interessante" o candidato também tinha que ser, ele próprio, "interessante". E aqui vale o mesmo questionamento, para quem? Para que? Mais uma vez recorro a fala do produtor do programa que frisa uma das diretrizes apresentada pelo Departamento de Relações Públicas da Real-Aerovias:

"O que importa é que o programa tenha auditório cheio e audiência plena, daí vocês vão compreender que quando o candidato, pode ser uma pessoa muito culta, muito interessante, um assunto palpitante, mas se não tiver público, se eles não agitarem, se eles não satisfizerem a curiosidade, a emoção dos ouvintes ou dos assistentes lá no auditório, essa pessoa não tem interesse de continuar". (Stênio Lopes)

Portanto, o "interessante" estava diretamente ligado ao nível de audiência, ao retorno que o candidato ou o assunto despertasse nos ouvintes e nas pessoas que se deslocavam para o auditório ou mesmo para a praça. Dentro dessa orientação geral é que

"(...)nós escolhíamos a pessoa de acordo com este assunto que tivesse mais, para o qual nós imaginássemos que houvesse mais aceitação, mais entusiasmo da população." (Stênio Lopes)

Além da escolha do tema o candidato também tinha que ser, como diz uma de minhas fontes: "simpático". Não bastava ser culto e com um

tema instigante mas precisava haver uma certa empatia entre o público e o candidato. E como isso era decidido?

"A gente conhecia as pessoas e conversava com essas pessoas e tinha certeza que aquele candidato potencialmente era uma pessoa que ia despertar muita simpatia na cidade. Amaury Vasconcelos, por exemplo, Dr. Amaury Vasconcelos toda vida foi uma pessoa muito querida em Campina Grande, muito admirável, muito admirada, sobretudo pela sua inteligência, o fulgor da palavra. Amaury Vasconcelos então era um candidato de ouro, o professor Anésio Leão, o professor Anésio Leão inscreveu-se com o tema difícilíssimo "Gramática Portuguesa", a coisa mais complexa do mundo e ele era autor de uma gramática portuguesa. Então eu dizia: "Hilton, eu acho que vai ser muito difícil manter esse programa com o Professor Anésio Leão porque eu não tenho conhecimento para discutir com ele". Mas a pessoa dele, a personalidade dele, valorizava o programa, ele valorizava. Uma pessoa como Anésio no programa era audiência certa e auditório cheio e assim então acontecia, potencial e simpatia daquele candidato, candidato que tinha certeza que ele agradaria".

(Stênio Lopes)

Os temas e os candidatos mais citados pelos entrevistados foram respectivamente: "A vida e Obra de Pedro Américo" apresentado por Amaury Vasconcelos; "A Língua Portuguesa" defendida pelo Professor e gramático Anésio Leão; "Vida e Obra do Poeta Augusto dos Anjos" por Ronaldo Cunha Lima; "A Vida do Padre Anchieta" pelo Professor Suassuna; "As Guerras entre Medas e Persas" por José Nogueira; "A

fundação de Roma e a Realeza" e "Vida e Obra do Poeta Castro Alves" por Edvaldo Silva; "A Vida de David" por Orlando Hans Frien.

Estes são alguns temas e candidatos que consegui elencar, com certeza existem outros, mas infelizmente por falta de tempo, falta de condições financeiras e boa vontade do Jornal Diário da Borborema em preservar a sua própria história não fui, por enquanto, além dessas informações.

O programa funcionava com três candidatos, quando alguém era eliminado imediatamente se convocava, a partir da lista de inscrição, um outro candidato. A convocação era feita por carta e o novo concorrente tinha menos de uma semana para se preparar para a sua estréia.

#### **BIBLIOGRAFIA**

Os temas eram escolhidos também em função da bibliografia existente. Esta afirmação é feita pelo Sr. Stênio Lopes que foi a pessoa responsável diretamente pela formulação das perguntas e respectivas respostas. Cita inclusive um exemplo bem instigante.

"Eu só aceitava candidato, eu e Hilton Mota de comum acordo, só aceitávamos candidatos na certeza de que eu poderia contar com uma boa bibliografia sobre o assunto. Se eu não tivesse as fontes bibliográficas que eu achasse suficientes eu não aceitava o que vinha de candidato. Eu vou dar um exemplo, veio uma moça de Pernambuco inscrever-se para falar sobre Lampião. Essa moça era uma moça muito inteligente, simpática, sabíamos que seria um candidato extraordinário, sobretudo porque

vinha de outro Estado, ela viria todas as segundas-feiras prá lá. Mas eu não tinha bibliografia sobre Lampião, Lampião é uma figura muito controversa e na época, naqueles anos de 57, por aí, a gente dispunha de pouquíssimo livros, pouquíssimos estudos sobre Lampião e ela vinha dedicada ao estudo de Lampião a vida toda, era professora primária no Estado de Pernambuco. Então eu fui franco com ela, disse: "olhe, não vou aceitar a Sra. nesse programa porque eu não vou dispor de bibliografia". Mas ela disse: "não, mas eu posso ceder a minha bibliografia". Não servia, não é? Porque ceder a bibliografia seria sempre uma coisa suspeita, entendeu? Eu aí fazia perguntas na base de livros que ela mesmo havia indicado, não dava para eu depois defender, vamos dizer, a minha neutralidade absoluta, e eu tinha que ser neutro absoluto no assunto. Se ela me indicasse... "Eu lhe dou todos os livros que eu tenho lá, dou tempo, dou prazo para o Sr." Eu digo: "não, não, eu não vou aceitar a Sra. me desculpe". Eu sei que essa moça depois apresentou-se na TV Tupi com J. Silvestre e foi um sucesso absoluto sobre Lampião, era uma mulher extraordinária. Só que eu não podia aceitar porque eu não tinha bibliografia." (Stênio Lopes).

#### **FONTES BIBLIOGRÁFICAS**

Neste relato o Sr. Stênio Lopes toca num dos aspectos relevantes da organização do programa que é relativo as fontes bibliográficas. Segundo relato dos entrevistados não havia troca de fontes entre os candidatos e a produção do programa. Cada um tinha o seu material próprio e de preferência não discutiam sobre o tema e as referidas

fontes. O sigilo maior partia do redator das perguntas, pois segundo ele, caso houvesse intercâmbio entre o candidato e a produção o mesmo saberia exatamente de onde as perguntas estavam sendo formuladas e o programa perderia o caráter de surpresa para o participante.

#### **IMPASSES**

Este critério, no entanto suscitou por algumas vezes impasses entre as respostas dos candidatos e a oferecida pelo programa. Neste

caso, quando o candidato se sentia prejudicado e não aceitava a resposta da produção podia impugná-la. Um dos casos mais famosos da época foi o do Sr. Amaury Vasconcelos que respondia sobre o pintor Pedro Américo. Ele recorreu por duas vezes, chegando inclusive a desistir do programa pela repercussão que essas impugnações tiveram junto a parte do público.

*"No meu caso infelizmente houve dois incidentes, porque o seguinte: o Stênio sabia formular as perguntas muito bem, mas o que se dava é que o (...) professor Stênio tinha fontes muito menos autênticas do que as minhas fontes. Então isso criou uma certa polêmica, não entre mim e Stênio, mas entre o candidato e o perguntador. Primeiro incidente foi uma pergunta que não caberia, vamos supor, o candidato tinha o direito de impugnar, então isso foi talvez no 5º ou 6º programa. Pedro Américo foi político, foi Deputado Federal e o Stênio me fez uma pergunta perguntando qual era a bancada de Deputados paraibanos que estavam com Pedro Américo, que tinham sido eleitos com Pedro Américo. Eu então impugnei a pergunta, esqueci só de um, eu disse: vou tentar responder mas eu impugno a pergunta porque se fosse uma bancada de São Paulo, de Minas Gerais, com 40, 50 deputados, 30, 40, 50 deputados naquela época, eu passaria o programa todinho só prá responder a essa pergunta. Então eu impugno e substituo a resposta pelos dois senadores que a Paraíba tinha (...) e me adianto mais eu vou dizer todas as leis que Pedro Américo apresentou - porque inclusive foi poucas porque ele sempre viajava prá Europa... então eu impugno a pergunta. Ai então efetivamente a direção do programa no Rio, da Tupi, reconheceu a minha impugnação. Eu passei dois programas fora, a*

espera de que eles respondessem mais ou menos isto. Quando eles acabaram de responder isto, que eu tinha tido razão que aceitavam a minha impugnação, lá vem uma segunda. Eu respondi mais uns três ou quatro programas, então, vem uma pergunta de Stênio, uma pergunta da diretoria do programa, me perguntando quando Pedro Américo tinha saído da Paraíba, quando Pedro Américo... com que idade saiu, como foi então sua vida, para onde foi, o que é que aconteceu, etc. Eu fui respondendo tudo: ele saiu criança, antes de completar 11 anos de idade, foi na missão Brune e lá vai e então (...) vem uma pergunta que também causou celeuma. Stênio me perguntou se Pedro Américo tinha vindo (...) se tinha vindo alguma vez a Paraíba, depois que saiu criança. Eu respondi que tinha vindo uma única vez. E de outra vez prá Areia, tinha vindo a Areia? Eu disse: a Areia nunca veio e da vez que chegou em João Pessoa, a única vez que ele voltou a Paraíba depois de menino. Então, quais foram os motivos, por que ele não foi a Areia? Só chegou em João Pessoa. Eu disse onde ele tinha se hospedado, (...) eu respondi até a casa onde ele tinha se hospedado (...) Ai ele diz: quais os motivos? Perguntou. Eu disse ele alegou achaques, doença, a necessidade de voltar imediatamente porque (...) a viagem de navio era uma viagem muito mais cansativa e ele então...um dos motivos que ele alegou foram esses. Ai o Hilton disse: não coincide! Aqui há uma causa que não tem, você está dizendo uma ai e outra está aqui. Eu disse eu estou certo! Ai o Hilton disse: como você prova que está certo? Eu disse: eu provo que está certo porque em Areia existe as cartas no original, que eu li e tenho cópias dela, os motivos que ele deu foi esse: a saudade da família - que esta era o que eles não tinham e eu tinha. Ai então nesse momento criou-se uma

polêmica quase entre mim e Hilton (...)Eu disse: olhe, eu tenho certeza que eu estou certo, as causas são ditas por ele próprio e estas daí são ditas por Elpidio de Almeida num comentário e Elpidio não citou a carta(...) eu vou mandar, eu vou tirar cópias em Areia das cartas e vou mandar para a direção do programa. Ele disse: bem, mas no entretanto o candidato está eliminado até que seja examinado. Então no outro dia eu peguei toda a defesa, vou a Areia trago a cópia das cartas e as três causas efetivamente eram as minhas. As que estavam no livro de Horacio não eram completas como o próprio punho dele dizia os motivos. (...)Ai então eu ainda voltei (...)me fizeram perguntas ai eu respondi. Quando eu respondi, nesse dia completo e total sem mais nenhuma dúvida, a segunda chance que tinha para o programa e eles se justificaram, se desculparam a mim que de fato eu conhecia bem. Eu digo: o Stênio não tem os livros que tenho, eu tenho um livro do Cardoso de Oliveira que ele não tinha, só tinha um livro deste em Areia e ele só tinha três ou quatro livros pequenos, quando eu tinha... quer dizer, eu respondia mais do que ele perguntava e a dele às vezes era coisa menos autêntica. (...) Ai eu provei. Ai quando eu provei eu ia voltar ao programa, mas o meu garoto de escritório, o meu boy de escritório, assistiu o programa no meio do povo. (...) Chegou no escritório no outro dia, meu boy, ai ele chegou lá e disse: olhe, doutor Amaury ontem eu não gostei de uma coisa. Eu disse o que foi? Eu estava assistindo quando o sr. voltou para o programa, todo mundo aplaudiu, todo mundo bateu palmas mas umas três ou quatro pessoas disse: este ai só porque é doutor já errou duas vez e voltou para o programa. (...) Quando foi... todo mundo na expectativa quando

chegou na próxima aí era o 12º ou 13º programa, aí quando eu cheguei eu disse: Eu vou desistir, eu não vou continuar. Porque dizia desistir ou continuar, a palavra final dele, quando chegava no último programa dizia: você hoje tem tantos reais, tem tantos cruzeiros, que eu não sei qual era a moeda, você vai desistir ou vai continuar? Aí ficava aquela expectativa ou eu ganharia aquilo ou continuava prá ganhar mais, também se eu perdesse perdia tudo que tinha, aí então ele me perguntou: vai desistir ou vai continuar? Eu disse Hilton, eu vou desistir, infelizmente a minha mulher está grávida e isso está causando a ela muito nervosismo e eu não gostei quando eu voltei a segunda vez, duas vezes eu provei que eu tinha razão e agora aconteceu o seguinte: meu boy de escritório estava no meio do povo e disse que quando me anunciaram que eu estava voltando a segunda vez alguém me aplaudiu mas outras pessoas disseram que eu tinha voltado pela condição que eu era de advogado, de professor, outra qualquer coisa e que eu errava e voltava para o programa. Ora, eu não errei, eu mostrei que eu não errei. Ele disse: não, você não errou de forma nenhuma, você respondeu muito bem. Então forçado por estas circunstâncias, Stênio pergunta bem mas não tem as fontes que eu tenho e nem eu vou dar a ele as que eu tenho, claro né? Eu não vou entregar a ele as minhas armas numa guerra.”

(Amaury Vasconcelos).

## OS MEDIADORES

A impugnação era um direito do candidato, quando este não concordasse com a elaboração da pergunta ou com a resposta apresentada pela produção podia recorrer a tal expediente. Os candidatos

apresentam a Tupi como o mediador e juiz do impasse, já o Sr. Stênio Lopes reporta-se a empresa patrocinadora como única analisadora dos casos de impasse.

*"Às vezes criava até certo problema porque o candidato tinha o direito de apelar para a direção da Aerovias-Brasil (...).Ele fazia geralmente por escrito, uma documentação, que não se dava por satisfeito, não se dava por convencido de que tinha errado, apresentava a sua argumentação toda e eu apresentava então o ponto de vista do redator do programa. Juntava a correspondência e ia prá São Paulo aí vinha o veredicto de lá. Às vezes vinha favorável ao candidato, às vezes vinha. Mas em geral vinha favorável ao redator do programa. Aí comunicava-se ao candidato que ele tinha perdido." (Stênio Lopes)*

Enquanto a decisão não chegava o candidato ficava suspenso e o programa seguia com os outros dois candidatos. Mas pelo relato dos entrevistados participantes e do próprio redator do programa não havia uma demora excessiva, às vezes em uma semana ou no máximo ~~em~~ duas semanas chegava a posição do mediador. A decisão era acatada integralmente pela produção. Caso ela fosse favorável à produção o candidato era oficialmente afastado do programa e convocado um novo. Se favorável ao candidato o mesmo permanecia e recebia o pedido de desculpas da produção publicamente.

O fato de não haver troca de fontes podia acarretar esses impasses mas por outro lado tornava o programa mais instigante. Era sempre um desafio, o candidato não tinha idéia prévia do que seria perguntado, criando assim um estado de ansiedade em todos os envolvidos: candidatos, as pessoas do auditório e os ouvintes.

Indaguei a um dos participantes sobre como se sentia no momento em que eram formuladas as perguntas e ele comenta dessa forma a sensação de tensão e o alívio ao final de cada sabatina:

*"É nervoso, porque fica é natural, né? Porque é um imprevisto, ninguém sabe o que vem, né? E a memória nós trai, é sujeito a nos trair, né? Havia perguntas também que dependia de raciocínio rápido (...)A gente se sente como aliviado, né? Um peso que estava pegando e deixou de pegar, libertou daquilo ali porque é um encargo, é uma responsabilidade perante o público."*  
(Edvaldo Silva).

#### **O ELABORADOR E A ESTRUTURA DAS PERGUNTAS**

Com relação as perguntas, como já disse anteriormente, elas eram elaboradas pelo Sr. Stênio Lopes. Um cidadão convidado especialmente pela rádio para desempenhar esta função. Tanto é que depois que o programa é extinto ele não permanece no rádio. Na época era Diretor do SENAI e escrevia no Jornal Diário da Borborema. Como o programa era semanal o elaborador tinha este prazo para formular as perguntas e que tinha a seguinte estrutura:

*"(...)eu tinha toda a semana para redigir as perguntas, que eram três, mas que normalmente eram três subdivididas no máximo em mais três, né? Prá que elas fossem 9 perguntas, às vezes chegava a isso mas podia ser também três perguntas subdivididas em dois itens ou então uma pergunta direta só, dependia muito da importância do assunto e sobretudo do tempo que o candidato levaria para responder de uma maneira completa uma pergunta simples que fosse formulada, mas que exigisse um grande*

desenvolvimento. (...) Então, a técnica era o seguinte: eu redigia as perguntas, colocava num envelope levava para Hilton Mota, na hora lá ele abria e lia. (...) eu dava a pergunta e fazia imediatamente a resposta ou uma opção de resposta. Quer dizer, às vezes era mais de uma opção, o candidato pode responder assim ou assim, ou assim." (Stênio Lopes).

### DIFICULDADES CRESCENTES

Um dos critérios usado pelo Sr. Stênio na formulação das perguntas, a medida que o candidato permanecia no programa, era o crescente grau de dificuldade. Segundo ele esta era a peça fundamental para a manutenção da credibilidade no programa. Os ouvintes, os espectadores e o próprio candidato tinham que sentir que o programa era sério. Para isto o programa seguinte tinha que ter sempre um grau maior de dificuldade do que o anterior. Neste trecho da entrevista o Sr. Stênio comenta com maior riqueza este processo.

"(...)mas aquela semana era de preocupação, de preocupação para fazer aquelas perguntas e com aquela preocupação de que as dificuldades tinham que ser crescentes. Eu nunca podia fazer um programa, por exemplo, numa segunda-feira que fosse um programa fácil relativamente a semana anterior, tinha que ser com dificuldades crescentes. Então, tinha que procurar coisas que dificultasse um pouco mais a vida do candidato para que o público tivesse a certeza plena de que não estava havendo ali um jogo, vamos dizer, um interesse de defender um candidato e outro não. Então havia sempre essa preocupação, de dificuldade crescente, que a população sentisse, as pessoas sentissem que aquele

programa era difícil e às vezes o candidato também sentia, suave, dizia: puxa! Quando ele passava lá e alguns realmente não passavam." (Stênio Lopes).

## UM MASSACRE À MEMÓRIA

Um dos entrevistados descreve com muita precisão e riqueza de detalhes uma pergunta feita a ele num dos programas que participou. É realmente de tirar o fôlego, como define um dos entrevistados, era "um massacre à memória". ↳ Retinar

"(...)Ai ele fez uma pergunta, por exemplo, tão perspicaz... porque na Batalha do Havai Pedro Américo se auto-pintou, então, ele está como um dos soldados na frente daquele cavaleriços, perto daquela carroça, aí então quando ele pega ele pergunta: em algum retrato, em algum quadro Pedro Américo se auto-pintou? Eu disse: sim! Ele disse: qual? Eu disse: A Batalha do Havai. Ele disse: qual é a... sabe a posição onde ele se encontra? Ai eu descrevi todinha, eu disse: ele está abaixo do Tenente Arroca, que no quadro era o comandante daquela patrulha, o oficial mais qualificado ferido no braço onde está roto a roupa. Ai eu sei mesmo o negócio, eu sabia mesmo ai eu comecei a dizer. Ele disse: mas que detalhe Pedro Américo ainda botou nesta fotografia dele? Eu disse: o rosto dele é perfeito, é um auto-retrato perfeito, de bigode. Ai ele disse: se cobre? Eu disse: sim! Se cobre cm um boné. Ele disse: tem algum número? Eu disse: tem. Ai ele disse: qual? Eu disse: ele era marçom e colocou o número 33 na barra do boné dele. Ai foi aquele aplauso de lascar." (Amaury Vasconcelos)

## A PESQUISA

As perguntas e as respostas eram elaboradas a medida que o candidato permanecia no programa. Mas segundo o elaborador ele não se enveredava em uma pesquisa alucinada sobre os temas em questão, não tinha a pretensão de dominar o assunto. Pesquisava na bibliografia da qual dispunha, comprava ou a rádio mesmo adquiria livros na famosa Livraria do Pedrosa ou consultava a biblioteca que a rádio possuía em suas dependências. O professor Stênio Lopes comenta este processo de pesquisa na entrevista de forma bem clara.

*"Não precisava ler todo o livro, não precisava... abria, vamos dizer assim numa seqüência mais ou menos lógica e começava: data de nascimento, etc., nome do pai, da mãe, não sei o que, onde nasceu, essas coisas todas para caracterizar bem aquela pessoa - no caso de ser pessoa como Pedro Américo - depois a gente... a infância, por exemplo, eu lia sobre o que havia sobre a infância dele, de Pedro Américo. Esgotado aquele assunto, passava, onde ele estudou, etc., etc., e depois as obras publicadas, depois um soneto, um livro, não sei o que, não sei o que. Sempre coisas desse tipo, a coisa ia aumentando, mas não precisava que eu ficasse lendo exaustivamente toda a obra e sim eu procurava a medida da necessidade da continuação do programa".*

*(Stênio Lopes).*

## O SIGILO "É A ALMA DO NEGÓCIO"

As perguntas depois de elaboradas eram colocadas num envelope e o mesmo permanecia lacrado, aberto somente no auditório pelo mestre de

cerimônia Hilton Mota e na presença do candidato. Aqui também temos um outro detalhe seguido pela produção que reforça a imagem de zelo e seriedade que o programa procurava construir. Ninguém, além do próprio elaborador das perguntas, sabia o que estava contido no envelope, nem mesmo o apresentador do programa tinha idéia das perguntas formuladas.

O Sr. Stênio descreve na entrevista quais as medidas que ele e o apresentador adotavam como forma de resguardar o sigilo das perguntas e das respostas a serem formuladas para os seus respectivos candidato.

*"(...)Eu não comunicava a ele antes das perguntas, não comunicava, pelo seguinte: imagine que... eu fechava num envelope lá, lacrava direitinho e tal e passava para as mão dele na segunda-feira. Imagine se eu mandasse antes do programa e alguém da família dele ou um colega dele pegasse aquele envelope e visse as perguntas? Era um risco muito grande. Então, ele preferia e eu também, que ele não conhecesse as perguntas que eu ia fazer no dia, não havia nenhum contato, ele não tinha a menor idéia das perguntas que iam sair, eu datilografava tudo com todo cuidado, eu tinha a minha secretaria mas jamais ela fez qualquer pergunta, eu não deixava nem rascunho, nada, nada. Porque era um programa... a gente levava aquilo com muita seriedade para ver se realmente, como profissionais que nós éramos, para ver se realmente a gente conseguia passar para o público aquela idéia que era um programa sério, que não havia marmelada não. Quando o candidato caía é porque não sabia mesmo, mas quando ele ia pra frente é porque ele sabia." (Stênio Lopes).*

A descrição feita pelo Sr. Stênio Lopes sobre o ritual que procurava manter em torno do envelope lacrado e do seu conteúdo pode

ser visualizado na cena inicial do filme Quiz Show, quando o diretor Robert Redford cria uma atmosfera de segredo em torno do envelope que está trancado num cofre forte. O mesmo é escoltado por seguranças até o momento da entrega ao apresentador do programa.

#### O SUSPENSE: CONTINUAR OU DESISTIR?

Segunda-feira, 20 horas e 30 min., auditório lotado, programa no ar, candidatos presentes, envelope na mão do apresentador, tudo pronto para mais uma audiência do programa. Mas antes de começar o mestre de cerimônia fazia uma pergunta que já devia ser clássica na época: "o Sr. vai continuar ou vai desistir? Se desistir leva o prêmio acumulado até o último programa; se continuar e errar a resposta perde tudo e leva apenas um prêmio de consolação". Com certeza a cidade parava na expectativa de ouvir a resposta do candidato. Neste ponto, possivelmente, as opiniões se dividiam, certamente aqui cabe o velho ditado: por que trocar o certo pelo duvidoso? Mas também tem um outro: quem não arrisca não petisca!. Era uma situação com certeza muito difícil para o candidato e de suspense para o público.

Um dos entrevistados passou por esse dilema, ele já estava no 17º programa, já tinha feito mais da metade, pois eram 24 no total, e decidiu desistir. Para muitos a resposta teve ter surtido um efeito de frustração mas para outros de sensatez. O candidato relata dessa forma a sua experiência:

"(...)Eu sei que eu participei de 17 programas, 17 né? Eram 24, ficaram faltando 7, só faltavam 7, mas eu estava desempregado, numa situação muito difícil ai eu disse ... como é

povo, uns diziam: "não, você deve desistir, pega esse dinheiro, pode perder, ser eliminado porque a memória...ser traído pela memória". Só recebia 22 mil cruzeiro, eu já tinha o prêmio era de 110. Desistindo eu recebia todo os 110 a que eu tinha direito, agora, se eu fosse eliminado eu só receberia o chamado prêmio de consolação. No caso eu recebi os 110, porque o prêmio de consolação era 22 mil cruzeiros, não correspondia, né? E eu disse: "sabe de uma coisa? Eu vou desistir". Até o Hilton Mota mesmo disse: "não, mas não desista, continue e tal e tal". Mas não teve jeito, quando a gente diz não, não dá, eu desisti." (Edvaldo Silva).

Ainda sobre a participação dos candidatos vale ressaltar que o programa eliminava apenas o que errasse, quer dizer, não se caracterizava por uma competitividade entre os candidatos, um querendo derrubar o outro. O candidato dependia apenas do conhecimento que possuía sobre o tema escolhido, da sua capacidade de memorização e concentração. O desempenho de um candidato não influenciava diretamente no de um outro. Quando um participante não se saia bem e era eliminado do programa, o único que ganhava com isso eram quem estava na lista dos inscritos.

#### **MEMÓRIA DE ANJO**

Infelizmente não tenho o número total de todas as pessoas que passaram pelo programa, nas entrevistas alguns nomes são mais recorrentes que outros, mas um nome ficou que como gravado na memória de todos, o do grande vencedor do "O Céu é o Limite" em Campina

Grande que é o Sr. José Nogueira. Esta é uma certeza dada como incontestável quando os entrevistados se reportam a este passado.

O Sr. José Nogueira respondeu sobre as Guerras entre Medos e Persas. Foram 24 programas sem errar uma questão formulada. Recebeu o prêmio máximo de 350 mil cruzeiros. Foi com muito pesar que soube que ele já era falecido e que já não podia compartilhar as emoções deste trabalho com os que não o vivenciaram. Mas de uma outra forma ele continua vivo, nas lembranças dos que viveram aqueles momentos de expectativas e suspense e agora neste trabalho, que ao tentar resgatar um pouco desta história trazer à tona novamente o seu nome. E passará a ser conhecido também pelos que por ventura chegarem a ler esse texto.

A maioria dos entrevistados lembra dele mais como o vencedor sem no entanto dar detalhes sobre o mesmo. As informações mais detalhadas que tenho sobre ele partem quase que exclusivamente de uma única fonte em virtude da riqueza de pormenores sobre a participação dele no programa como sobre a sua pessoa. Esta é a imagem, que me pareceu muito jovial, de José Nogueira, guardada pelo produtor do programa:

*"Mas ele era dessas pessoas que eu diria... naquele tempo não havia o calçadão mas havia a Flórida, né? A Florida hoje é uma farmácia, tinha o café São Bráz ali no calçadão da São Bráz, (...) sempre cheio de gente e logo em seguida uma grande sorveteria na cidade chamada Flórida. Chamava-se sorveteria mas na verdade o pessoal ia lá beber cerveja, chope, etc. Mas era sorveteria. Então Nogueira era uma pessoa que freqüentava aquele grupo, ele era dessas pessoas que gostava de conversar, tinha uma roda imensa de amigos, que sabe sempre a história mais*

interessante do dia e uma pessoa de bom caráter, uma pessoa querida." (Stênio Lopes).

José Nogueira era funcionário público, exercia a função de fiscal do algodão na época. Quando resolveu participar do programa o "Seu Stênio" fez o seguinte comentário:

"Então quando ele se inscreveu para esse negócio "Guerras Medos e Persas", eu já o conhecia, eu digo: "rapaz você vai se meter numa sinuca muito grande, porque é muita coisa". Mas ele disse: "Não professor, vamos ver! Vamos tentar". (Stênio Lopes).

Inscriveu-se, foi chamado a participar e entrou, como alguns denominam, na "batalha semanal". De início respondia as perguntas sem muitas dificuldades mas com o passar do tempo as dificuldades foram crescendo e ele se sente obrigado, pelas circunstâncias, a pedir uma licença do trabalho para se dedicar exclusivamente a estudar e memorizar o assunto.

O Sr. Edvaldo Silva, um outro participante do programa, define José Nogueira como possuidor de uma "memória de anjo". Já o Sr. Amaury Vasconcelos acha que a produção do programa "espinafraram o Nogueira prá ver se ele caia". Segundo o Seu Stênio ele "decorou" muito além do exigido. Quer dizer, tinha as qualidades de um vencedor: boa memória, estudou o assunto <sup>lewy</sup> a fundo e o programa tinha respeitabilidade. A vitória era o caminho natural. A medida que garantia a sua permanência no programa a audiência aumentava na mesma proporção. Era um candidato perfeito: era uma pessoa querida por muitos na cidade e muito carismática. Não foi difícil o público se identificar com ele e passar a idealizá-lo como um possível vencedor.

Ao ultrapassar a barreira do vigésimo programa quem começou a se preocupar com o futuro foi a equipe que fazia "O céu é o Limite". Assim relata o Sr. Stênio Lopes, em dois momentos, a ansiedade que tomou conta tanto do apresentador como dele próprio.

"O Hilton Mota ficava morto de preocupação também, ele dizia: "Stênio, se José Nogueira perder esse programa eu não sei o que vai acontecer naquele auditório lá da Rádio Borborema." Eu dizia: "Hilton, depende muito de mim mas depende também um pouco de você, porque você pode dar alguma dica. No lugar de você fazer uma pergunta seca, mas você pode fazer a pergunta de tal maneira que desperte um pouco melhor a memória dele, depende de você". E o Hilton era muito inteligente, ele sabia fazer isso." (...)

"Quando chegou o último programa eu digo: "esse homem pode cair, porque eu não podia fazer um programa fácil, claro, né? Cada vez tinha que ser uma coisa mais difícil (...). Então quando chegou o último programa, antes de chegar o último programa, logo no anterior eu fiz uma carta lá para a empresa patrocinadora dizendo o seguinte: "Há um candidato aqui que chegou ao 23º programa e então a população está toda muito empenhada, há uma torcida muito grande para ele ganhar este prêmio. E então há uma tendência também de dizer que eu tenho ordem de derrubar o candidato para ele não ganhar o prêmio, eu não sei até que ponto isto pode ser desagradável para a imagem da companhia de querer derrubar o candidato, de querer não dar o prêmio e também até para mim. Então eu vou fazer a seguinte sugestão: quando chegar o último programa o Hilton Mota, quando abrir o envelope naquela emoção enorme haverá uma carta de parabéns da Aerovias Brasil para ele dizendo que está muito satisfeita, etc., etc. e dá o prêmio a

ele". Eles não aceitaram não, não aceitaram (rir)". (Stênio Lopes).

A recusa desse desfecho por parte da empresa patrocinadora faz com que o encerramento da participação de José Nogueira tenha para todos os envolvidos, direta ou indiretamente com o programa, uma sensação de suspense e ansiedade. A rádio deve ter noticiado a exaustão tal acontecimento; em todas as rodas de amigos, conhecidos e desconhecidos o tema predominante das conversas deve ter sido um só: será que ele vai conseguir?. Será que chegou a ter algum tipo de bolsa de apostas? Alguém teria coragem de apostar na derrota?

Segundo o Sr. José Stênio Lopes o momento foi solene e muito difícil. Criou-se uma expectativa muito grande na cidade, havia uma tensão no ar que crescia a medida que a hora do programa se aproximava. Ele que nunca ia ao auditório assistir ao programa, por razões éticas, nessa noite foi. Impossível ficar em casa. O auditório lotado, todos os 455 assentos ocupados, e pessoas que entraram sabendo que ficariam em pé, numa estimativa de mais de 600 pessoas aglomeradas no auditório da Rádio. A audiência bateu todos os recordes.

(...)no último programa que foi muito difícil... tinha muitos números, "quantos cavalos tinha, quantos carros de combate, quantos soldados tinha na batalha tal, que lugar foi travada, quantos dias durou, não sei o que, não sei o que". Mas ele realmente estava preparado." (Stênio Lopes).

Para os presentes ao auditório, para os ouvintes em casa e onde tivesse um rádio funcionando naquela noite, finalmente Campina Grande tinha um vencedor, um campeão, um fenômeno, José Nogueira. Tanto é que

passado 37 anos ele continua sendo o vencedor na memória dos que viram e ouviram o programa.

#### **AUDIÊNCIA SEMPRE CRESCENTE**

A audiência desse programa segundo o Sr. Stênio Lopes "foi sempre progressiva", atingindo o ápice, no entanto, na noite em que José Nogueira leva o prêmio máximo, chegando ao "céu". Obviamente, logo no primeiro programa não havia uma afluência tão grande aos estúdios da rádio, mas a medida que o programa vai se firmando, candidatos interessantes e conhecidos da maioria do público como Amaury Vasconcelos advogado e professor, Anésio Leão professor e gramático, e temas como "A Vida de Padre Anchieta", "A Bíblia", vão sendo apresentados despertando no público interesses os mais diversos. O público que normalmente lotava o auditório era formado por:

*"Todas as classes, classe média sobretudo, classe média sobretudo. Os intelectuais, claro, intelectual acha que isso é coisa de povinho, não prestigiava com a presença. Claro que eles ouviam em casa, eu creio que eles ouviam em casa, não tinham televisão, eles ouviam em casa. Mas no auditório era classe média, funcionário público, estudantes, havia estudantes universitários aqui, havia acho que pelo menos 3 escolas superiores em 57. Havia a Politécnica, engenharia, a de Serviço Social e havia filosofia. Mas era mais classe média, funcionário público (...)"*. (Stênio Lopes).

#### **O MESTRE DE CERIMÔNIA**

Além de "bons" candidatos, perguntas bem formuladas, auditório cheio, o programa para ser o sucesso que foi aqui em Campina Grande ~~ele~~ precisava ter um bom mestre de cerimônia, aquela pessoa que comanda o programa, fazendo as perguntas, criando em torno das mesmas uma atmosfera de mistério e suspense, necessário para que as pessoas que estivessem ouvindo, principalmente ouvindo o rádio, ficassem ligadas no programa. E esta pessoa na opinião dos entrevistados era Hilton Mota. Um homem do rádio, como se diz, apresentador de programas, ator de novelas, programas humorísticos. Parece ter sido um profissional extraordinário. Muito comparado com o famoso apresentador J. Silvestre que comandou também este tipo de programa no sul do país.

A seguir cito trechos da fala dos entrevistados ao fazerem referência ao mestre de cerimônia Hilton Mota, já para muitos de "saudososa memória".

"(...)se J. Silvestre era o mestre de cerimônia mais afamado em "O Céu é o Limite" no Brasil, em Campina Grande a pessoa mais indicada para isso não poderia deixar de ter sido Hilton Mota." (Amaury Vasconcelos).

"(...)era apresentado pelo Hilton Mota, hoje de saudosa memória, que é o homem que inaugurou aqui a Rádio Campina Grande, que faleceu a cerca de 4 anos. Hilton era um dos locutores padrão da emissora e era sempre escolhido para estas tarefas. (...)Hilton Mota tinha uma capacidade incrível prá fazer apresentações e sabia dominar, inclusive, não só o candidato mas dominar também o público(...)" (Eraldo César).

"O Hilton, tinha um domínio de auditório, de palco fora do comum, então, ele tornava realmente o programa um sucesso sem par." (Stênio Lopes).

**TUDO TEM SEU FIM.**

Na pesquisa que realizei nos poucos <sup>exemplares do jornal</sup> jornais Diário da Borborema tive a sorte de encontrar o jornal do dia 24 de dezembro onde estava registrado que no dia anterior, portanto, dia 23, "a apresentação em

primeira audiência do programa "O Céu é o Limite" (D. B. 24/12/1957)".  
 Infelizmente não tenho uma informação exata sobre o desfecho do  
 programa, consegui algumas parcas notícias sobre o primeiro semestre  
 de 1958, e uma notícia datada do dia 08 de julho, <sup>em que</sup> ~~onde~~ o programa  
 continuava sendo produzido e com muito sucesso:

*"O público que lotou na noite de ontem o auditório da  
 Rádio Borborema par assistir mais uma audição de "O Céu é o  
 Limite", viveu momentos de entusiasmo e vibração quando os  
 candidatos inscritos naquele programa mais uma vez conseguiram  
 responder "realmente certo" as perguntas formuladas pelo mestre  
 de cerimônias Hilton Mota" (D.B. 08/07/1957).*

Não há unanimidade entre os entrevistados nem com relação a data  
 do início nem do término do programa. Reportam-se, no entanto, ao ano  
 de 1958 como o auge. Para uns ficou no ar no máximo dois anos, para  
 outros se encerra já no começo de 1959, e há ainda uma terceira  
 possibilidade, a de que teria se encerrado ainda em 1958. Mas dentro  
 desse caos de datas há uma afirmação comum a todos: o programa teve  
 uma duração pequena, de no máximo dois anos. Não indo além disso.

Mas por que um programa desse tipo se encerra? Mais uma vez as  
 opiniões divergem: "caiu em desuso", quer dizer, é um programa de  
 emoção mais acaba ficando monótono. Um outro ponto levantado é com  
 relação a "despesa muito grande" em dinheiro que havia por parte da  
 empresa patrocinadora, inviabilizando assim uma duração prolongada. Há  
 a interpretação também de que foi por falta de candidatos, pois havia  
 a exigência natural de que o participante dominasse um assunto muito  
 bem para defendê-lo e na cidade não existiam muitas pessoas com essa

carga de conhecimento para falar "semanas inteiras sem errar, sem saber qual a pergunta que ia ser feita". E há também uma outra possibilidade a de que "o objetivo da empresa tinha sido alcançado". Mas e qual era este objetivo?

### CULTURA OU ESPETÁCULO?

Mais uma vez chamo a atenção para o fato de que, segundo o Sr. Stênio Lopes o objetivo do programa era exclusivamente publicitário. A empresa Real-Aerovias-Aero-Norte queria tornar-se conhecida do público de um modo geral. Na entrevista este Sr. reconstrói um diálogo que teria tido lugar em 1967, H. M. de S. - Relações Públicas da citada empresa.

"...dizem, não esqueçam que este não é um programa de cultura, não é um programa educativo, é uma promoção publicitária. Não percam de vista que é uma promoção publicitária. Então, se vocês não perderem este aspecto, essa visão do programa, vocês vão se interessar em que este programa se torne realmente ouvido na cidade de tal maneira que numa pesquisa de audiência haja o maior número possível de aparelhos de rádio ligados ao programa. Como nós sabemos que vocês têm auditório, que o auditório esteja completamente lotado. Então vocês vejam que é promoção publicitária". Ela acrescentava um detalhe muito significativo: "O problema de prêmio, o problema de dinheiro, não tem o menor interesse para nós, se todos os candidatos chegassem a tirar o prêmio máximo, que eram 350 mil cruzeiros na época, se todos os candidatos chegassem por acaso a conseguir a meta final, para nós isso seria a maior satisfação, o

maior prazer. O que importa é que o programa tenha auditório cheio e audiência plena, daí vocês vão compreender que quando o candidato, pode ser uma pessoa muito culta, muito interessante, um assunto palpitante, mas se não tiver público, se eles não agitarem, se eles não satisfizerem a curiosidade, a emoção dos ouvintes ou dos assistentes lá no auditório, essa pessoa não tem interesse de continuar(...)" (Stênio Lopes)

A empresa, como também a produção do programa poderia encarar dessa perspectiva o programa "O Céu é o Limite", mas para os participantes e ou ouvintes de uma maneira geral, talvez fosse outra a interpretação do objetivo do programa. Essa é a definição dada por um dos participantes:

"Absolutamente cultura! (...) no caso de Pedro Américo, especificamente, todo mundo só conhecia Pedro Américo o pintor e então se passou a ver Pedro Américo o filósofo, o romancista, o escritor, o botânico, compreende? (...) Então, valia como cultura porque é o seguinte: [era porque sobretudo também o analfabeto recebia pelo rádio, era uma divulgação também ao iletrado né?] Uma divulgação ao iletrado. Então, eu achei que o programa tinha muita valia, por exemplo, se chegou a conhecer José do Patrocínio, se chegou a conhecer esse problema de ordem nacional, chegou a conhecer muita história. Então, o programa educativamente era um primor, um primor! Foi esse o alcance que eu tive e, principalmente, isso porque não era linguagem escrita era a linguagem falada, divulgada na rádio, quer dizer, o bairro do Zé Pinheiro com poucos rádios, um bairro... qualquer bairro chegava Pedro Américo, chegava esses personagens que foram respondidos..." (Amaury Vasconcelos).

PARTICIPANTES  
ANTES VIM  
GRATIA?

Diferença  
de perspectiva

Um dos ouvintes do programa segue, praticamente, a mesma linha de raciocínio do Sr. Amaury Vasconcelos.

"O programa da Rádio Borborema, "O Céu é o Limite" que já se extinguiu, ele foi uma espécie de acionador cultural do povo de Campina Grande. (...) tinha a propriedade de desenvolver um trabalho cultural sobre os mais variados aspectos, destacando-se entre ele a história, vida de escritores, poetas, (...) inclusive pessoas respondendo sobre a Bíblia, religiosos, e era uma espécie de disputa cultural, disputa de conhecimento. Participaram várias pessoas com vários ângulos de conhecimento. (...) é um fato positivo que poderia ser repetido porque seria um incentivo a pesquisa, ao estudo, a avaliação das mais diversas modalidades de fazer cultura, literatura, jornalismo, escultura, ciência, porque o programa era abrangente e desenvolvia um trabalho num leque de conhecimento muito amplo e oferecia oportunidade e condições de muitas pessoas tomar conhecimento sobre assuntos que nunca ouviram falar." (Oliveira Oliveiras).

O Jornal Diário da Borborema do dia 24 de dezembro de 1957 ~~o~~ mesmo <sup>7</sup>traz uma matéria especial sobre a primeira audiência do programa "O Céu é o Limite" que tinha sido realizada no dia anterior, e num trecho da reportagem o jornal reforça uma imagem, aparentemente já construída, a nível nacional, do caráter cultural do programa:

"Verdadeiros mestres participam do programa e matérias as mais diversas do saber humano são ali tratados pelos que se dedicam ao estudo de cada uma delas, com o que o programa vem se tornando uma verdadeira universidade do ar levando aos lares dos mais distantes rincões da terra brasileira as lições que

semanalmente são transmitidos através dos microfones da estação onde "O Céu é o Limite" é apresentado." (D. B. 24/12/1958).

Registra também a opinião de uma pessoa ligada a empresa, a Srta. Ninon (Boa viagem):

"Nosso propósito patrocinando nas emissoras brasileira o programa "O Céu é o Limite" tem em mira dois objetivos que consideramos importantes: primeiro homenagear os intelectuais da terra, trazendo-os ao conhecimento do público e ao mesmo passo proporcionando aos ouvintes dessas emissora momentos agradáveis, de divertimentos sadios, ao par de grande ensinamentos de ordem cultural." (D.B. 24/12/1957).

Quer dizer, o objetivo do programa era fazer a fusão entre difusão de "saber" ~~com~~ entretenimento? Segundo o Sr. Stênio Lopes a ênfase estava centrada na emoção,

"(...)era um programa de emoção, procurava-se a emoção do ouvinte, do assistente(...)o programa era um espetáculo e se encerrava com o próprio espetáculo. Isso não motivava que as pessoas procurassem ler, procurassem estudar, procurassem acompanhar aquilo, eu creio que não. Não houve uma maior motivação de ordem cultural, intelectual da cidade não, não era, era um belíssimo espetáculo, isso era, viu? Porque naquele tempo não tinha televisão, a diversão era cinema e auditório." (Stênio Lopes)

O interessante ~~se~~ observar é que as pessoas percebem e constróem, de maneira diferenciada cada qual a seu modo, qual seria o objetivo principal do programa. Sendo assim não há um objetivo específico, mas

VIVEREM  
PRIO, N OS  
VOS

vários. Para o patrocinador e a produção da rádio era um, para os participantes e os ouvintes outro.

A pergunta que norteou toda a minha pesquisa é justamente esta: qual era o objetivo do programa? Formulei a partir dessa questão duas respostas hipotéticas. A primeira resposta era que o programa tinha como objetivo principal difundir cultura, era um programa eminentemente cultural. Já a segunda hipótese define o programa como um mero espetáculo ou a difusão do saber como espetáculo.

Esta questão e as possibilidades de repostas estiveram sempre presentes nas conversas com os entrevistados e com o meu orientador. Procurei, no entanto, não dirigir as entrevistas para obter a resposta que eu achava que era a que mais se adequava, mas procurando respeitar as interpretações que eles me davam, a visão que eles tinham do programa.

Um ponto comum, em quase todos, é que o programa tinha como objetivo básico difundir cultura. De certa forma havia uma socialização do saber individual, passando-o para a comunidade. Uma pessoa estudava um determinado assunto ou já o dominava e em seguida o apresentava a medida que ia sendo questionado. Mas será que as pessoas "iletradas" apreendiam o conteúdo que era passado através das perguntas e das suas respectivas respostas? Não estaria a grande maioria interessada em acompanhar o vencedor? As atenções não se voltavam mais para o que o mestre de cerimônia iria dizer: "realmente certo!" e então o extravasamento da emoção através das palmas? Quando na realidade havia uma preocupação de prender a atenção do ouvinte ou assistente justamente pelo suspense?

Mas um participante faz a ressalva que haviam também pessoas interessadas nas perguntas e no conteúdo das respostas,

*"Pessoas do povo mas que amantes das letras, gostavam de ler, se interessava pela cultura de um modo geral." (Edvaldo Silva).*

Quer dizer, cultura para quem tem cultura. E os "iletrados" não têm cultura? Mas o que é cultura? Cultura é só o que está nos livros? Que exige que a pessoa domine determinadas técnicas para ter acesso a ela? Ou é algo muito mais abrangente, que perpassa toda a aprendizagem adquirida e repetida no cotidiano, no dia-a-dia das pessoas?

O conceito de cultura que se tinha nessa época, e que ainda circula em muitos meios (acadêmicos e na sociedade em geral) ainda é este: a cultura como o erudito. O que está guardado dentro das enciclopédias e em livros volumosos ou em teses com no mínimo 600 páginas, de preferência escrita numa linguagem só acessível a uns poucos eleitos. Pode-se até se debruçar sobre um assunto do cotidiano, mas a forma de apresentá-lo precisa ser codificada para que se mantenha o status de intelectual.

O programa "O Céu é o Limite" tinha um caráter cultural? Tinha, negar isso é insensatez, mas só privilegia um aspecto do que se entende por cultura. Informação para quem já tem informação, para quem domina a técnica da leitura e da escrita. Um jogo que combina conhecimento e memorização. A grande maioria dos ouvintes com certeza se deliciava mesmo com o espetáculo, com a voz empostada do locutor, o silêncio sem-fim que separava a pergunta, a resposta e novamente a voz

do apresentador e a reação do público presente. Possivelmente, a imaginação era o que mais aguçava-se nos ouvintes e nem tanto a memorização das respostas. A repetição sim podia sedimentar uma informação, como o nome do candidato vencedor, o nome da empresa patrocinadora e tantas outras chamadas, mas a aquisição de novos conhecimentos a partir só do que era apresentado é difícil de acreditar.

As pessoas não apreendem por osmose, no processo de aprendizagem é preciso que haja interação entre o que aprende, o que aprender, para que aprender e onde utilizar esse conhecimento apreendido. Não é uma informação pronta e acabada captada pelo sentido da audição que caracteriza um processo de aprendizagem.

Mas surgiu aqui uma outra indagação: quem é que assistia a esse programa? Quanto a platéia presente no auditório um dos entrevistados comenta que na maioria eram funcionários públicos, do comércio, pessoas amigas dos candidatos. E quem assistia na praça? Através dos alto-falantes, muitos encolhidos, com o frio que devia fazer no horário das 20 horas. E em casa? No aconchego do seu lar? Uma das informações que tive é que ainda nesse período rádio, aqui em Campina Grande, era sinônimo de status. Era muitas vezes o móvel mais imponente da casa. E quanto maior o aparelho, melhor era o sinal de recepção da transmissão e maior o status. Quem é que tinha aparelho de rádio nessa época aqui? Os analfabetos, as pessoas que moravam nos arredores do centro, nos sítios e nos municípios circunvizinhos acompanhavam o programa? O Sr. Stênio Lopes comenta na sua entrevista que a empresa patrocinadora fazia pesquisa de audiência,

"(...) na hora do programa, era na hora do programa, você já fazia os bairros... qual é o programa que vocês estão ouvindo? Está assistindo algum programa? Qual é o programa que o sr. está ouvindo? E verificava que tínhamos uma audiência muito boa" (Stênio Lopes).

### **PASSADO E PRESENTE**

Como nada é para sempre, apesar de ser difícil aceitar a finitude das coisas, das emoções, da própria vida, o programa também termina. Pelo depoimento dos que participaram, dos que foram ouvintes, o programa deixou saudades e marcou época na História da cidade. Principalmente num momento como este (1995) em que a cidade está mergulhada numa crise de autoridade, onde o poder público é incapaz de resolver os mínimos problemas da cidade como tapar buracos, fazer a coleta do lixo, para citar uns poucos exemplos; lazer, incentivo a produção cultural, preservação da memória, educação, esses e outros aspectos da vida da cidade estão paralisados. Campina Grande é hoje uma cidade sem opção de lazer. Muito diferente da efervescência que existiu, por exemplo, na década de 50, quando o rádio era o veículo de comunicação. Não só pela audiência que detinha, mas pelos programas que eram produzidos, aqui mesmo, com artistas da terra, revelando potenciais que na realidade de hoje ou estão escondidos ou já saíram da cidade. A tecnologia, o progresso centralizou e delimitou os espaços de lazer, principalmente com o advento da televisão.

## Conclusão

O título deste trabalho, **O Saber como Espetáculo**, surgiu de um questionamento quando do início de minha pesquisa: o programa tinha um caráter cultural ou apenas de espetáculo? Naturalmente, na formulação da pergunta, eu já antevia uma resposta que me agradava, mas as entrevistas fizeram com que revisse a forma simplista desse ponto de vista. Na verdade, as coisas são e não são ao mesmo tempo, quer dizer, depende muito de como as pessoas se relacionam, observam e analisam um dado acontecimento. E foi isso o que aconteceu. Apesar de tentar manter uma certa imparcialidade nas entrevistas, eu já havia formulado a minha resposta, mas foi bom perceber que ao final eu tinha ampliado o meu ponto de vista. Ainda considero o programa como um espetáculo, mas não ~~foi~~ só isso. Para muitas pessoas ele tinha um caráter cultural e aceito essa argumentação porque elas viveram aquele momento.

O envolvimento com esse trabalho durou quase um ano, desde as visitas ao Museu Histórico de Campina Grande até o momento de escrever esta conclusão. Mas foi um dos trabalhos mais gratificantes que já fiz na Academia. Principalmente a segunda parte, onde tentei descrever como era o programa. Certamente, tem algumas lacunas. Não me propus a escrever "a verdade", mas uma versão de como era o programa e fiquei muito satisfeita quando terminei. Trabalhei diariamente, de segunda a sexta, numa média de quatro horas, durante dois meses. Parecia que eu estava em uma longa viagem e não havia fim. Quando fui por entrevistas aquele dia eu pensava: "será que amanhã vou conseguir terminar este ponto?" Sempre consegui.

Avalio que essa sensação de segurança e constância é decorrente do fato do tema ter me escolhido; ele se mostrou a mim e não saiu mais da minha cabeça. Quando encontrei no Jornal Diário da Borborema uma notícia referente ao programa eu estava pesquisando sobre o entretenimento de uma forma geral na cidade. Havia muito material sobre cinemas e filmes, eu copilava as informações mas não conseguia fazer questões. Porém ao ler sobre o programa "O Céu é o Limite" eu imaginei sons, auditório lotado, vida. Continuei na pesquisa sobre os filmes mas sem muita convicção, sem interesse. Esta é a palavra chave, **interesse**. O programa despertou o meu interesse.

Um dia, relendo as anotações sobre o material coletado no Museu, lá estava ele de novo e a partir daí tudo fluiu na mais perfeita harmonia. Os entrevistados foram surgindo e indicando outros, fiz a transcrição das entrevistas sem grandes problemas e comecei a escrever. Não sei se este material vai ajudar a outras pessoas a entenderem essa cidade, mas a mim já ajudou muito.

O presente trabalho tinha como objetivo básico tentar resgatar informações sobre um programa de rádio produzido em Campina Grande, no final da década de 50, chamado "O Céu é o Limite". Considero este objetivo alcançado, com lacunas é óbvio, pois não era pretensão contar toda a história - até porque considero essa tarefa impossível - levando-se em conta que cada pessoa que viveu aquele momento tem uma versão sobre os fatos.

No decorrer da pesquisa encontrei algumas pessoas dispostas a falar sobre o programa e também informações num Jornal da época. Passei então a classificar o material coletado em função do que eu

considerava como momentos e/ou partes importantes do programa. Se o Jornal e a Rádio Borborema não tiveram o interesse de preservar a sua história considero que, através deste trabalho, as memórias de algumas pessoas vão ficar registradas.

A real justificativa do porquê desse tema só agora, depois de dar por encerrada a pesquisa, se apresenta com mais clareza para mim. Inicialmente, como já frisei a alguns parágrafos acima, parecia que ele tinha me escolhido. Mas a verdadeira razão não está na descoberta do passado pelo passado, mas é o presente procurando respostas para o que está acontecendo agora.

Uma das minhas interrogações sobre a cidade de Campina Grande era por que as pessoas daqui falam com tanto orgulho da cidade? E qual a matriz desse discurso repetido a exaustão sobre a grandeza e importância da Rainha da Borborema? Não encontrei a matriz produtora desse discurso, mas uma ponta dela, onde o programa "O Céu é o Limite" é apenas uma peça.

O passado de Campina Grande é realmente esplendoroso. Não poderia delimitar um período com precisão - uns falam dos anos 30, outros dos anos 40 e 50 -, mas pelas informações que obtive na minha pesquisa a data da instalação da Rádio Borborema, em 8 de Dezembro de 1948, já é um marco para a radiofonia campinense.

O programa "O Céu é o Limite" foi um entre tantos outros eventos que mobilizou a cidade. Não foi a produção mais espetacular do rádio, mas e através dele que consegui entender um pouco desta cidade. Na fala dos entrevistados, por exemplo, eles não se limitam a falar somente do programa, mas sobre a cidade, sobre as pessoas, e a época

em que o programa aconteceu vai se delineando através do que cada um, individualmente ou coletivamente, percebia e guardou como detalhes relevantes.

O glamour desse passado, avalio, que ainda hoje reflete o seu brilho no presente através da constante reelaboração desse discurso enaltecendor da cidade. Essas lembranças continuam vivas, tanto pelos que viveram aquele período de efervescência, como os que cresceram ouvindo essa descrição da cidade e reproduzem essa imagem, apesar das mudanças ocorridas.

O material que considero mais rico da minha pesquisa é a fala das pessoas que viveram aquele período da história da cidade. Sendo portanto, inevitável que falem com um certo saudosismo desse período. A referência, no entanto, recai principalmente sobre o papel preponderante que o rádio teve para a cidade, principalmente a Rádio Borborema.

A Rádio Borborema, pelo que pude perceber dos discursos dos entrevistados, ~~ela~~ estava ligada ao mundo, vamos dizer assim, ao que havia de mais moderno em termos de comunicação no Brasil que era a Rede dos Diários Associados ou rede associada. Campina Grande ficava informada através dessa rede do que acontecia no resto do Brasil e no mundo.

Além dessa ligação com o resto do país havia também um desenvolvimento do mercado de trabalho local ligado ao rádio, como por exemplo, atores e atrizes, cantores, músicos, pessoal técnico, entre outras funções.

Campina Grande continua ligada ao mundo, hoje com a televisão. Mas o que se observa no dia-a-dia da cidade é que os artistas não vêm mais fazer uma apresentação exclusiva para todos os campinenses. Os shows no Spázzio é para quem pode pagar e quem tem algum meio de transporte, pois o acesso não é nada fácil. A programação da TV é praticamente, com raras exceções, toda gravada em estúdios do Rio e São Paulo, pensada de forma uniformizada e globalizante. Com certeza a informação hoje chega de forma bem mais ágil mas tenho a impressão <sup>que</sup> a cidade perdeu muito no que se refere a emergência de valores locais <sup>OK</sup> em comparação com o que havia na década de 50 por exemplo.

Avalio que o saudosismo presente nas entrevistas, tanto com relação ao programa em questão como ao rádio de uma maneira geral, extravasa a limitação do sentimento de perda de um tempo que não volta mais, acho que é muito mais do que isso. Como disse uma das primeiras pessoas com quem tive contato que

*"o programa realmente era muito bonito, hoje infelizmente essas coisas desapareceram em função de rádio, né? Tudo foi transformado prá televisão, o rádio hoje é um toca-discos, praticamente, né? O que é que tem no rádio de hoje? Não tem nada produzido; eu acho que o último programa produzido hoje em Campina Grande foi feito por mim na Rádio Caturité e eu deixei a pouco mais de um ano, né? Eu tinha o cuidado de produzir o programa como nós fazíamos aqui na escola que foi criada pela Rádio Borborema. Hoje está tudo na base da facilidade. O cabra vai prá o microfone: aló! Quem está falando? O que é que quer ouvir e pronto! Mas o tempo e isso modifica as coisas, mas a*

gente tem que aceitar a realidade da evolução do tempo que, às vezes, nem sempre evolui prá melhor. " (Eraldo <sup>César</sup> ~~Silva~~). ?

As três últimas linhas dessa fala sintetizam, para mim, o sentimento dos que viveram esse período de "ouro" do rádio em Campina Grande.

Provavelmente, muitos outros elementos poderiam ser elencados, discutidos e aprofundados dentro dessa investigação sobre este programa de rádio. Espero que outras pessoas a partir desse material se interesse<sup>m</sup> de<sup>m</sup> estudar mais profundamente a história do rádio em Campina Grande. Com esse trabalho creio que trago à tona um pedaço dessa história. Espero não ter distorcido a fala dos que colaboraram nessa pesquisa e deixar aqui o meu sincero muito obrigado, a todos os que me receberam com carinho e gentileza.

## BIBLIOGRAFIA

BURKE, Peter (org.). Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro in A Escrita da História: novas perspectivas; tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

GARRIDO, Joan del Alcàzar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate in REVISTA BRASILEIRA DE HISTÓRIA - Órgão da Associação Nacional dos Professores Universitários de História - São Paulo. ANPUH/Marco Zero, vol. 13 nº 25/26, setembro 92/agosto 93.

LE GOFF, Jacques, (1924) - História in História e Memória. Tradução Bernardo Leitão...[et al.]--3. ed.--Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

THOMPSON, Paul. (1935) - A Voz do Passado: História Oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JORNAIS Diário da Borborema, anos 57 e 58 - EDS N:3?

FILME - Quiz Show - de Robert Redford

E o relato dos entrevistados? E a é fundamental.

## ANEXO

### DIÁRIO DA BORBOREMA, 26 DE NOVEMBRO DE 1957.

"O Céu é o Limite" agora na Rádio Borborema a partir do dia 22 de dezembro próximo na emissora associada mais famoso programa do rádio e televisão um premio até trezentos e cinquenta mil cruzeiros.

Como tivemos ocasião de informar, na última edição deste matutino a rádio Borborema lançará dentro em breve, o já famoso programa de rádio e televisão "O Céu é o Limite".

É esta sem duvida a mais importante notícia radiofônica dos ultimos tempos em Campina Grande, devendo a exemplo do que vem acontecendo em todo o mundo, despertar o mais vivo interesse por parte do nosso público.

Firmando o contrato.

A direção da Rádio Borborema foi notificada por carta através do Sr. Paulo Rufino de Araújo, gerente da agência do "Consortio Real-Aerovias-Aeronorte-Nacional", do contrato firmado entre a "Azaso Publicidade" empresa publicitária encarregada da propaganda daquele consórcio em todo o país.

Limite - Cr\$ 350.000,00

O programa "O Céu é o Limite" será iniciado com uma pequena importancia, alcançando no entanto, à altura do 24 ° programa, a importancia de 350.000,00 cruzeiro.

Esta iniciativa vem despertando os mais justos interesses no seio da população esperando-se a concorrência de grande numero de

intelectuais como vem acontecendo nas cidades onde as emissoras "associadas" levam a efeito aquele programa.

**DIÁRIO DA BORBOREMA, DOMINGO, 15 DE DEZEMBRO DE 1957.**

O "O CÉU É O LIMITE" NA RÁDIO BORBOREMA.

Ganhe um prêmio de trezentos e cinquenta mil cruzeiro inscrevendo-se para o programa de perguntas e respostas "O Céu é o Limite" na Rádio Borborema.

Você poderá escolher qualquer matéria, serão 24 programas e uma vez por semana dando-lhe tempo para rever o seu assunto.

Em cada programa você terá o direito de ficar com o prêmio já ganho no anterior ou prosseguir para obter novo prêmio. Se, por acaso, não acertar a pergunta do programa não sairá perdendo: receberá um prêmio de consolação.

**DIÁRIO DA BORBOREMA, CAMPINA GRANDE, TERÇA-FEIRA, 24 DE DEZEMBRO DE 1957.**

Homenagem aos intelectuais da terra. O propósito do Consórcio Real-Aerovias. "O Céu é o Limite" Verdadeira Universidade do ar - Campina Grande equiparada a 4 capitais brasileira - mensagem do comandante Linneu Gomes aos companheiros - falou a este jornal o Sr. Eduardo Pires Campos, representante da diretoria da Real.

Conforme vinha sendo amplamente anunciado, realizou-se na noite de ontem com absoluto sucesso a apresentação em primeira audiência do programa "O Céu é o Limite", um dos mais absolutos cartazes jamais apresentado pelo rádio e televisão no Brasil e resto em outras

emissoras do Nordeste, conta com o prestígio do Consorcio Real Aerovias-Aeronorte, que está patrocinando esta notável programa radiofônico.

Presente o Representante da Real

Afim de assistir a estréia do programa "O Céu é o Limite" na associação <sup>do?</sup> de Campina Grande, chegou ontem a esta cidade o Sr. Eduardo Pires de Campos, representante da diretoria da Real Aerovias, que se fez acompanhar dos Srs. gerentes do aeroporto do Recife, o Sr. Amauri Barbosa e Paulo Rufino de Araujo, gerente em Campina Grande e da Senhorita Ninon (Boa Viagem), que em palestra com a reportagem deste jornal, assim se expressou a respeito da apresentação em Campina Grande do programa "O Céu é o Limite".

"Nosso propósito patrocinando nas emissoras brasileira o programa "O Céu é o Limite" tem em mira dois objetivos que consideramos importantes: primeiro homenagear os intelectuais da terra, trazendo-os ao conhecimento do público e ao mesmo passo proporcionando aos ouvintes dessas emissora momentos agradáveis, de divertimentos sádios, ao par de grande ensinamentos de ordem cultural.

Verdadeiros mestres participam do programa e materiais as mais diversas do saber humano são ali tratados pelos que se dedicam ao estudo de cada uma delas, com o que o programa vem se tornando uma verdadeira universidade do ar levando aos lares dos mais distantes rinções da terra brasileira as lições que semanalmente são transmitidos através dos microfones da estação onde "O Céu e o Limite" é apresentado.

Importância de Campina Grande.

- Considerando a importância de Campina Grande, cidade que se tem projetado em todo o Brasil como um grande núcleo comercial e onde já se constata por outro lado um crescente interesse pelos problemas de ordem cultural, os Consórcio Real Aerovias-Aeronorte, ao resolver patrocinar o programa "O Céu é o Limite", na Associada local decidiu que os prêmios a serem concedidos aos candidatos daqui fossem idênticos aos de Bélem, Fortaleza, Curitiba e Florianópolis.

#### Colaboração dos Intelectuais.

Frisou ainda o Sr. Eduardo Pires de Campos que o Consorcio Real Aerovias-Aeronorte espera contar em Campina Grande para o maior êxito nesta cidade do programa "O Céu é o Limite" com o apoio indispensável dos intelectuais da terra, colaborando para o maior brilho e desenvolvimento das próximas audições desse programa na Rádio Borborema.

Encerrando suas declarações ao diário da Borborema o representante da Real declarou ser portador de uma mensagem do comandante Linneu Gomes Presidente do Consorcio Real Aerovias-Aero-Norte, dirigido aos campinenses de um Feliz Natal e um Próspero Ano Novo, e também de agradecimento a imprensa Rádio da colaboração que tem prestado a empresa aqui em Campina Grande.

#### DIÁRIO DA BORBOREMA, CAMPINA GRANDE, 18 DE ABRIL DE 1958

AMANHÃ MAIS UMA AUDIÊNCIA DO PROGRAMA "O CÉU É O LIMITE".

Com novas emoções e novas expectativas o maior broadcasting do rádio campinense.

Está verdadeiramente entusiasmada <sup>7061?</sup> nossa cidade o já vitorioso programa O Céu é o Limite, que a Rádio Borborema leva ao ar todas as segundas feira no horário das 20:30 horas.

O público que superlota as dependências da emissora do edifício São Luiz está acompanhando com expectativa o referido programa ... e a medida que aumenta o valor dos prêmios vem causando emoção sem conta, pondo em xeque a memória e o conhecimento dos candidatos.

O professor Raimundo Suassuna, que responde sobre a vida do Padre Anchieta, o acadêmico Ronaldo Cunha Lima, que fala sobre a biografia do poeta paraibano Augusto dos Anjos e o Sr. José Nogueira que é o especialista no assunto referente as Guerras Pérsicas, estão eletrizando não só os que comparecem ao auditório da rádio Borborema como aos que ficam em casa torcendo pelos seus preferidos.

Todos três ultrapassaram a casa dos 40 mil cruzeiros e, conseqüentemente, as perguntas estão se tornando mais difíceis, o que dá maior amplitude ao programa.

Por tudo isso é que o Céu é o Limite patrocinado pelo Consórcio Real Aerovias já se tornou no pouco tempo em que foi lançado, o programa de maior aceitação pelo público ouvinte de Campina Grande. Amanhã novamente estará no ar o vitorioso programa do Consorcio Real Aerovias com novas sensações e novas expectativas.

#### DIÁRIO DA BORBOREMA, CAMPINA GRANDE, 08 DE JULHO DE 1958

Novos sucessos ontem no programa "O Céu é o limite".

Não percam o candidato Amaury Vasconcelos . Retornou Orlando Hans Friens - José noqueira alcançou os ~~9~~ noventa mil cruzeiros.

O público que lotou na noite de ontem o auditório da Rádio Borborema para assistir mais uma audição de o "Céu é o Limite", viveu momentos de entusiasmo e vibração quando os candidatos inscritos naquele programa mais uma vez conseguiram responder "realmente certo" as perguntas formuladas pelo mestre de cerimônias Hilton Mota.

Não compareceu Amaury Vasconcelos.

Lamentável, no entanto, foi a ausência do candidato Amaury Vasconcelos, que responde sobre a vida de Pedro Américo. Endereçou o mesmo ao diretor e realizador do programa uma carta justificando a sua falta por encontrar-se guardando o leito vítima de um forte resfriado.

Retornou Orlando Hans Friens.

Como é do conhecimento público o candidato Orlando Frien que responde sobre a vida de David, ficou, após a audição da segunda-feira passada com a sua permanencia no programa dependendo de algum esclarecimento com a direção do programa acerca de uma reposta a um dos itens formado.

No momento esclarece e confirma a reposta em causa, o candidato Orlando Hans F. retornou na noite de ontem, por sinal, responde com segurança a todas as perguntas formuladas

Novos triunfos de José Nogueira

O candidato José Nogueira manteve na noite de ontem o seu lugar assegurado até a próxima segunda-feira com um prêmio de Cr\$ 150.000,00 arrancando do público presente os maiores aplausos através de sua resposta segura e inteligente.

Desta maneira José Nogueira fará jús no programa da segunda-feira próxima ao prêmio de Cr\$ 170.000,00